

MARIAJOSÉ LOUISE CARO SCHULZ

**A FUNÇÃO PATERNA DE ABERTURA AO MUNDO
NA PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Luís Vieira

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Schulz, Mariajosé Louise Caro

A função paterna de abertura ao mundo na percepção de
adolescentes / Mariajosé Louise Caro Schulz ; orientador,
Mauro Luís Vieira - Florianópolis, SC, 2015.
120 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Relações pai-filho. 3. Abertura ao
mundo. 4. Paternidade. 5. Adolescentes. I. Vieira, Mauro
Luís. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Mariajosé Louise Caro Schulz

A função paterna de abertura ao mundo na percepção de adolescentes

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 6 de fevereiro de 2015.

Dra. Carmen Leontida Ojeda Ocampo Moré
(Coordenadora- PPGP/UFSC)

Dr. Mauro Luís Vieira
(PPGP-UFSC- Orientador)

Dra. Eucia Beatriz Lopes Petean
(PPGP- USP- Examinadora)

Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(PPGP-UFSC- Examinadora)

Dra. Daniela Ribeiro Schneider
(PPGP- UFSC- Examinadora)

Dr. Emílio Takase
(PPGP-UFSC- Suplente)

Dedico este trabalho à minha família e às pessoas que sempre me incentivaram, e contribuíram com a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador professor Mauro Luis Vieira por ter compartilhado sua grande sabedoria e conhecimento acadêmico comigo, pelas discussões geradas e pelo suporte durante estes dois anos de mestrado.

Agradeço aos membros da banca pela atenção e por terem aceitado contribuir com esta pesquisa.

Aos professores da UFSC pelas disciplinas ministradas com extrema competência. Aos professores Carlos Henrique Nunes, Brígido Vizeu Camargo, Daniela Ribeiro Schneider, pelos conhecimentos transmitidos que foram indispensáveis na minha formação. Especialmente à professora Maria aparecida Crepaldi que compartilhou com a equipe do NEPeDI, muitos ensinamentos e debates teóricos e metodológicos.

Aos meus pais Kilna e José Pedro, que deste meu nascimento concentraram todos seus esforços em me dar uma ótima educação, com valores que levarei comigo o resto da vida e principalmente por me abrirem ao mundo. Aos meus irmãos Benjamín e Lucas que me acompanharam ao longo desta caminhada e me deram todo o apoio fraterno que precisei.

Agradeço também à equipe do NEPeDI que me acolheu com muito carinho e hoje me sinto parte de uma grande família. À professora Ana Maria pelas boas conversas e pelo carinho, às colegas, Isabella, Larissa Paraventi, Talita, Idonézia, Eloisa, por todo o apoio, a companhia e as risadas. À Rovana por ter estado presente sempre quando precisei e ter me ajudado imensamente com programas estatísticos e softwares. À Carolzinha, pela ajuda com estatística. Também à Carina pela ajuda com o SPSS e com leituras em francês. À Gabriela, pelas boas discussões teóricas nas disciplinas e ao Gabriel, por ter se tornado um grande amigo e por toda a ajuda, principalmente no começo do mestrado.

Aos meus colegas do mestrado, especialmente aqueles que se tornaram grandes amigos Antônio, João Horr, Larissa Papaleo, Ana Paula, Cássia. E um agradecimento especial à Ana Carla que compartilhou comigo teoria e aprendizagens de vida que levarei comigo

sempre e à Mariana Backes, pela grande parceria e amizade que criamos desde que nos conhecemos.

À toda à equipe da UNIVALI que proporcionou conhecimentos para que eu pudesse chegar até aqui. E principalmente aos colegas que me incentivaram a realizar o mestrado e me deram todo o suporte necessário especialmente à professora Josiane da Silva Delvan, à Marise Aparecida Ramos, à professora Marina Menezes, à professora Camilla Volpato Broering, ao professor Pedro Geraldi e à João Rodrigo Portes pelo estímulo, apoio e amizade durante a graduação e mestrado.

Aos meus amigos por estarem ao meu lado e tornarem a vida mais divertida. Especialmente às minhas ex-colegas de faculdade Mariane, Samara, Laura e Selma.

Ao Programa de Pós-Graduação da UFSC e à CAPES por possibilitarem o meu aperfeiçoamento profissional.

E finalmente às instituições e aos participantes desta pesquisa que nos receberam e tornaram viável a realização da mesma, sem eles, nada disso seria possível.

SCHULZ, M. L. C. **A função paterna de abertura ao mundo na percepção de adolescentes.** 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RESUMO

Uma das funções paternas é incentivar as crianças ao mundo externo através da estimulação da autonomia e da disciplina, que estão relacionadas ao conceito de “abertura ao mundo”. A presente pesquisa teve como objetivo investigar as características da função paterna de abertura ao mundo e sua relação com a dimensão abertura à experiência dos adolescentes. Participaram deste estudo 274 adolescentes, 148 do sexo masculino e 126 do sexo feminino, com idades entre 14 e 18 anos (média de idade: 15,76 anos). Para avaliar a função paterna de abertura ao mundo, foi utilizado o Questionário sobre Abertura ao Mundo para Adolescentes- QOM-A (*Le Questionnaire D’ouverture au Monde pour Adolescents*). Para investigar a abertura à experiência dos adolescentes empregou-se a Escala Fatorial de Abertura à Experiência (EFA) e, além disso, um questionário sociodemográfico. Os dados foram analisados por meio de análise estatística descritiva (frequências, médias e desvios padrão) e inferencial (teste t de Student e coeficiente de correlação de Pearson). A partir das análises constatou-se que a dimensão do QOM-A que obteve maior média foi *Estimulação à perseverança*, que se caracteriza por incentivar a criança a ter sucesso em situações difíceis e perseverar frente à adversidade. Foi comparada a função paterna de abertura ao mundo entre adolescentes do sexo masculino e feminino e foram verificadas diferenças significativas de percepção nas dimensões *Estimulação ao risco* [$t(272) = 3,72; p > 0,01$] e *Estimulação à competição* [$t(272) = 2,16; p > 0,05$]. Os adolescentes do sexo masculino disseram que foram mais estimulados pelos seus pais a correr risco e a competir do que as adolescentes do sexo feminino. A situação se inverte na dimensão *Estimulação à exploração*, em que os pais estimularam mais as adolescentes do sexo feminino do que os do sexo masculino [$t(272) = 2,08; p > 0,05$]. Ainda constatou-se correlação entre o escore geral do QOM-A e o escore geral do EFA, indicando que quanto mais os pais abriram seus filhos ao mundo em sua infância, na adolescência

estão mais abertos a experimentar situações novas. As implicações desses resultados foram discutidas em termos de repercussões sobre o desenvolvimento de características de socialização e pessoais.

Palavras-chave: Relações pai-filho. Abertura ao mundo. Paternidade. Pai. Adolescentes.

SCHULZ, M. L. C. **The paternal openness to the world function in the perception of adolescents.** 120 f. Dissertation (Masters in Psychology) – Psychology Postgraduate Program, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ABSTRACT

Studies have indicated that one of the fathers' roles is to encourage the children to the outside world through stimulation of autonomy and discipline, which are related to the concept of "openness to the world." This research aimed to investigate the characteristics of The paternal Openness to the World function and its relation to the dimension Openness to Experience of adolescents. The participants of the study were 174 adolescents, 148 males and 126 females, aged between 14 and 18 years (mean age: 15.76 years). With the purpose of evaluate the paternal function of openness to the world, we used the Questionnaire of Opening to the World for teenagers (QOM-A) (*Le Questionnaire D'ouverture au Monde pour Adolescents*). In order to investigate the openness to experience of adolescents we used the Openness to Experience Factorial Scale (EFA) and, in addition, we used a sociodemographic questionnaire.

The data were analyzed using descriptive statistics (frequencies, means and standard deviations) and inferential statistics (Student t test and Pearson correlation coefficient). Based on the analyzes it was verified that the dimension of QOM-A *Stimulation to perseverance* was the one that obtained higher average, which is characterized by encouraging children to succeed in difficult situations and persevere in face of adversity. When comparing the paternal openness to the world function between males and females adolescent it was verified that there exist significant differences in the dimensions *Stimulation to Risk* [$t(272) = 3,72; p > 0,01$] and *Stimulation of competition* [$t(272) = 2,16; p < 0,05$]. The male adolescents said they were more encouraged by their fathers to take risks and to compete than female adolescents. The situation is reversed in the dimension *Stimulation to the exploration*, whose fathers encouraged more to adolescent females than males [$t(272) = 2,08; p < 0,05$].

Also, it was verified correlation between the overall score of the QOM-A and the overall score of the EFA, indicating that the more fathers opened their children to the world in its infancy, in adolescence are more open to experience new situations. The implications of these results are discussed in terms of repercussions on the development of socialization and personal characteristics.

Keywords: Father-child relations. Openness to the World. Paternity. Father. Adolescents.

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Correspondência entre objetivos, instrumentos e tipo de análise..... | 46 |
| Tabela 2 - Valores de assimetria e curtose por variável..... | 52 |
| Tabela 3- Composição Familiar | 56 |
| Tabela 4- Comparação de médias das dimensões do QOM-A através de teste t pareado de Student..... | 58 |
| Tabela 5- Correlações entre as dimensões do QOM-A | 59 |
| Tabela 6- Comparação de médias das dimensões do QOM-A de acordo com o sexo dos adolescentes..... | 61 |
| Tabela 7- Comparação entre a ordem das dimensões do QOM-A de acordo com o sexo dos adolescentes | 61 |
| Tabela 8- Correlações entre os fatores do EFA..... | 64 |
| Tabela 9- Comparação de médias dos fatores do EFA de acordo com o sexo dos adolescentes..... | 66 |
| Tabela 10- Comparação entre a ordem dos fatores do EFA de acordo com o sexo dos adolescentes..... | 66 |
| Tabela 11- Correlações entre dimensões do QOM-A e os fatores do EFA | 68 |
| Tabela 12- Correlações entre dimensões do QOM-A e os fatores do EFA referentes a adolescentes do sexo masculino..... | 69 |
| Tabela 13- Correlações entre dimensões do QOM-A e os fatores do EFA referentes a adolescentes do sexo feminino..... | 70 |
| Tabela 14- Síntese dos resultados e sua relação com os objetivos..... | 71 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| AAE | Ambiente de Adaptação Evolutiva |
| CEPSH | Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos |
| EFA | Escala Fatorial de Abertura à Experiência |
| FPAM | Função Paterna de Abertura ao Mundo |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| LABSFAC | Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade |
| NEPeDI | Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil |
| QOM-A | <i>Questionnaire d'ouverture au monde pour adolescents</i> |
| QOM-P | <i>Questionnaire d'ouverture sur le monde par le parent</i> |
| RTP | <i>Rough-and-Tumble Play</i> |
| SAPSI | Serviço de Atenção Psicológica |
| SCP | Sentimento de Competência Parental |
| SPSS | <i>Statistical Package for Social Sciences</i> |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| UFSC | Universidade Federal de Santa Catarina |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 19 |
| 2. OBJETIVOS | 23 |
| 2.1 Objetivo Geral | 23 |
| 2.2 Objetivos Específicos | 23 |
| 3. HIPÓTESE | 25 |
| 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 27 |
| 4.1 Práticas parentais | 27 |
| 4.2 Aspectos históricos sobre a paternidade | 28 |
| 4.3 Envolvimento Paterno | 30 |
| 4.3.1 Pesquisas sobre o Envolvimento Paterno | 33 |
| 4.4 Diferenças entre pais e mães na interação com seus filhos | 36 |
| 4.5 Jogos lúdicos como mecanismo de interação pai-filho | 37 |
| 4.5.1 “ <i>Rough-and-Tumble Play</i> ” e a Disciplina | 37 |
| 4.5.2 O RTP como regulador da agressividade | 38 |
| 4.6 Teoria da Relação de Ativação | 39 |
| 4.6.1 Características da Relação de Ativação | 40 |
| 4.7 Teoria da Relação de Ativação e Abertura ao Mundo | 41 |
| 4.8 Abertura à Experiência | 42 |
| 4.9 Adolescência | 43 |
| 5. MÉTODO | 45 |
| 5.1 Desenho da pesquisa | 45 |
| 5.2 Campo de pesquisa e participantes | 45 |
| 5.3 Instrumentos | 46 |
| 5.4 Procedimentos de coleta de dados | 50 |
| 5.5 Análise de dados | 50 |
| 5.5.1 Preparação do banco de dados | 50 |
| 5.5.1.1. Limpeza dos dados | 51 |
| 5.5.1.2. Identificação e manuseio dos dados faltantes (<i>missing data</i>) e de casos extremos (<i>outliers</i>) | 51 |
| 5.5.1.3. Verificação dos pré-requisitos de normalidade | 52 |

| | |
|---|-----|
| 5.5.2. Análise estatística descritiva e inferencial | 53 |
| 5.6 Aspectos éticos..... | 54 |
| 6. RESULTADOS..... | 55 |
| 6.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes..... | 55 |
| 6.2 Caracterização da função paterna abertura ao mundo dos adolescentes | 57 |
| 6.3 Comparação entre a função paterna abertura ao mundo dos adolescentes do sexo masculino e feminino..... | 60 |
| 6.4 Caracterização da dimensão abertura à experiência dos adolescentes | 63 |
| 6.5 Comparação entre a dimensão abertura à experiência dos adolescentes do sexo masculino e feminino..... | 65 |
| 6.6 Relações entre a função paterna abertura ao mundo e a dimensão abertura à experiência | 67 |
| 7. DISCUSSÃO | 73 |
| 7.1 Análise sobre aspectos sociodemográficos da amostra..... | 73 |
| 7.2 Análise da caracterização da função paterna de abertura ao mundo dos adolescentes..... | 75 |
| 7.3 Comparação entre a função paterna abertura ao mundo dos adolescentes de acordo com o sexo..... | 79 |
| 7.4 Análise da caracterização da dimensão abertura à experiência dos adolescentes | 82 |
| 7.5 Análise da comparação entre a dimensão abertura à experiência dos adolescentes do sexo masculino e feminino..... | 83 |
| 7.6 Análise das relações entre a função paterna abertura ao mundo e a dimensão abertura à experiência | 85 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 89 |
| 9. REFERÊNCIAS..... | 93 |
| APÊNDICE A- Autorização Institucional | 105 |
| APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 106 |
| ANEXO A- Questionário de Abertura ao Mundo para Adolescentes. | 109 |
| ANEXO B - Escala Fatorial de Abertura à Experiência | 115 |

1. INTRODUÇÃO

As interações familiares têm se modificado ao longo das épocas, refletindo as alterações no contexto socioeconômico e cultural das sociedades. Sob um breve panorama histórico, nos séculos XVII e XVIII os pais (homens) respondiam pelo papel de provedor financeiro e o de promover o desenvolvimento moral e a educação religiosa de seus filhos¹ (Cia, Williams, & Aiello, 2005; Silva, Lamy, Rocha, & Lima, 2012; Souza & Benetti, 2009). A partir de 1970, com a revolução feminista, houve um aumento de mulheres que se inseriram no mercado de trabalho, com carga horária e cargos semelhantes aos dos homens, e passaram a dividir com eles a condição de provedor do lar. Iniciou-se uma pressão para que estes também passassem a realizar tarefas antes exclusivas das esposas (Jablonski, 2010; Pleck & Pleck, 1997).

A importância da qualidade da relação da mãe com a criança é reconhecida como fundamental para os aspectos mais relevantes do desenvolvimento humano. Todavia, apenas nas últimas décadas é que o envolvimento do pai com a criança foi atraindo cada vez mais a atenção dos pesquisadores, possivelmente porque o tema é de tanto interesse científico e social. A participação paterna no contexto familiar tem vindo a aumentar e este maior envolvimento tem repercussões na dinâmica familiar e desenvolvimento das crianças (Bossardi, Gomes, Vieira, & Crepaldi, 2013; Vieira et al., 2013; Vieira et al., 2014).

O livro de Michael Lamb publicado em 1976, “O papel do pai no desenvolvimento infantil”, permitiu vislumbrar novas possibilidades da função paterna além do papel de provedor (Bossardi et al., 2013). Percebe-se que a visão da figura paterna vai gradativamente sendo associada à maior participação no cuidado com os filhos (como alimentar, dar banho, vestir, levar ao médico, pegar no colo quando a criança pede e consolá-la quando chora) e no compartilhamento das tarefas familiares com a mãe.

No entanto, apesar das mudanças significativas para diminuir as desigualdades entre homens e mulheres no que diz respeito às atividades domésticas, permanece uma distância considerável entre o discurso e a

¹ A palavra filhos no plural abrange tanto os meninos como as meninas. Quando se tratar especificamente dos filhos do sexo masculino, isso será indicado no texto.

prática. Esse envolvimento ainda está ocorrendo em escala menor, e a mãe continua sendo a principal responsável pelo cuidado das crianças e pelas tarefas domésticas. Ou seja, mesmo que se verifique um maior envolvimento do pai, o estilo tradicional ainda parece estar bastante presente no contexto familiar contemporâneo (Bossardi & Vieira, 2010; Silva et al., 2012; Staudt & Wagner, 2008).

Crepaldí, Andreani, Hammes, Ristof e Abreu (2006) acrescentam que, embora exista a exigência de que os homens se envolvam ativamente no contexto familiar, ainda é forte a crença de que são incapazes de cuidar dos filhos adequadamente. Esta contradição leva, muitas vezes, a exclusão do pai das tarefas de cuidar e à falta de reconhecimento de seu envolvimento no cuidado. Porém, desse modo, esquece-se das especificidades e características que são peculiares ao homem, e que os faz diferentes das mulheres. Assim, essa diferença não deve ser ignorada, e sim, investigada, pois interfere no envolvimento paterno. Envolvimento paterno é entendido aqui como a interação direta, a acessibilidade e a responsabilidade do pai em relação aos cuidados ao filho (Dubeau, Devault, & Paquette, 2009). Este conceito é discutido na fundamentação teórica do presente estudo.

Souza e Benetti (2009) realizaram uma revisão bibliográfica sobre o tema paternidade entre os anos de 2000 a 2007 e constataram que, embora a diversidade de contextos e situações associadas à paternidade, os estudos apresentaram unanimidade encontrados na compreensão da importância do envolvimento e participação masculina no cuidado aos filhos. Flouri e Buchanan (2003) demonstraram que o envolvimento paterno está relacionado a um melhor ajustamento psicossocial na adolescência e na idade adulta. Os resultados também apontaram que os filhos apresentaram menos delinquência e problemas de externalização e internalização nos meninos, e nas meninas melhor saúde mental e menos comportamentos antissociais. Finalmente, foi percebida uma melhora na autoestima e maior realização acadêmica e profissional em ambos os sexos.

Considerando as particularidades da interação pai-criança no âmbito da complementaridade dos papéis paterno e materno para o bem-estar e saúde das crianças, Paquette (2004a) desenvolveu a dimensão “exploração” ao propor uma nova teoria denominada Teoria da ativação. A teoria tem como foco duas dimensões de paternidade para explicar a natureza da ligação pai e filho: a) estimulação da autonomia; e b) disciplina. Segundo a teoria, os pais têm a função de incentivar as crianças a se abrirem para o mundo (estimulação da autonomia)

enquanto estabelece os limites apropriados para sua segurança (disciplina), dessa maneira os pais fomentariam o vínculo afetivo necessário para desenvolver o sentido de segurança e autoconfiança das crianças.

Esta relação se desenvolve especialmente quando os pais, geralmente o pai, está muito envolvido em jogos físicos (brincadeiras) com seu filho ou sua filha. Por meio desta relação, a criança aprende a confiar em sua própria capacidade para lidar com ameaças e desafios, já que seu pai o incentiva a ousar mais longe na exploração do ambiente. Entretanto, o estímulo deve responder aos limites de proteção à criança, destacando-se, assim, a importância da disciplina (Dumont & Paquette, 2013). Os limites e as regras igualmente asseguram a criança tanto quanto ao amor e conforto e, como eles não impedem o desenvolvimento de autonomia. Por exemplo, os jogos de luta que são frequentemente praticados por pais com seus filhos meninos (e cada vez mais com suas filhas) podem facilitar a aprendizagem de regulação da agressividade, disciplina, obediência e desenvolvimento de competências e confiança em situações competitivas (Paquette & Bigras, 2010).

Complementarmente à relação de apego que se referem a um conjunto de comportamentos inatos exibidos pelo bebê, os quais promovem a manutenção ou o estabelecimento da proximidade com sua figura principal provedora de cuidados, geralmente centrada na mãe (Bowlby, 1969), o relacionamento pai-filho de ativação pode satisfazer as necessidades da criança para ser ativada, de exceder e assumir riscos num contexto de confiança e ser protegida de perigos potenciais. As crianças estão predispostas a procurar um equilíbrio entre atenuação e estímulo. Assim como elas mostram sinais de manter a proximidade, para serem cuidadas e ser consoladas por adultos, as crianças também procuram um estímulo de forte intensidade (Paquette, Eugene, Dubeau, & Gagnon, 2009).

Uma pesquisa desenvolvida por Dumont e Paquette (2013) demonstrou que ao serem encorajadas a enfrentar riscos, as crianças desenvolvem confiança em si mesmas e nos outros, abrindo-se para o mundo. Crianças bem ativadas são menos depressivas, menos ansiosas, menos isoladas e menos dependentes, além de estarem associadas à boa competência social. Por outro lado, alguns tipos de características dos

pais podem resultar em fatores de risco para o desenvolvimento infantil. O estudo de Jaffee, Moffitt, Caspi & Taylor (2003) com 1.116 de gêmeos de 5 anos de idade e seus pais revelou que a personalidade antissocial de pais (e não as mães) prevê problemas de comportamento em sua juventude, mesmo após o controle dos fatores de genética, e este, especialmente quando esses pais vivem com seus filhos. Estes resultados enfatizam em particular o papel dos pais na disciplina ou controle. As crianças apresentaram problemas de comportamento por dois motivos: quando havia pouca disciplina devido à ausência do pai ou quando havia excesso de controle através de comportamentos coercitivos. Esse dado ressalta a importância dos programas voltados para a promoção da paternidade, em ações para prevenir repercussões negativas advindas do afastamento ou negligência do pai com seus filhos.

Percebe-se que existe uma diversidade de estratégias utilizadas pelos pais e mães para cuidar e educar seus filhos e que influenciam o desenvolvimento dos mesmos. Uma possibilidade de investigar o desenvolvimento dos filhos é através de um dos cinco domínios da personalidade denominado Abertura à Experiência. De acordo com o Modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade este fator é caracterizado por traços tais como ser imaginativo, apresentar uma curiosidade intelectual, apreciação da experiência, bem como a tolerância e a curiosidade pelo que é novo (Filipe, 2012).

Frente a estas constatações, faz-se oportuno investigar a função paterna de abertura ao mundo e também como esta se relaciona com o comportamento dos filhos, especificamente com a dimensão da personalidade Abertura à experiência. Portanto, acredita-se que o presente estudo possui relevância científica, uma vez que são poucas as pesquisas que buscam investigar as especificidades da função paterna de abertura ao mundo. Nas publicações brasileiras, constata-se ainda é inédito um estudo que relacione a função paterna de abertura ao mundo com a personalidade dos seus filhos. Além disso, existe na produção acadêmica nacional, a carência de pesquisas que privilegiem o discurso dos jovens acerca de suas percepções sobre o envolvimento paterno (Souza & Benetti, 2009).

Tendo em vista estes aspectos, este estudo tem o objetivo responder o seguinte questionamento: *Como é percebida a função paterna de abertura ao mundo em adolescentes e quais as características e sua relação com a abertura à experiência dos adolescentes?*

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Investigar as características da função paterna de abertura ao mundo e sua relação com a dimensão abertura à experiência dos adolescentes.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever as variáveis sociodemográficas dos adolescentes;
- b) Caracterizar a função paterna de abertura ao mundo dos adolescentes;
- c) Comparar a percepção de adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino sobre a abertura ao mundo;
- d) Caracterizar a dimensão de abertura à experiência dos adolescentes;
- e) Comparar a percepção de adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino sobre a abertura à experiência;
- f) Relacionar a função paterna abertura ao mundo com a dimensão de abertura à experiência dos adolescentes.

3. HIPÓTESE

Em toda cultura, as crianças são educadas no ambiente físico e social em que vivem, com costumes e práticas educativas reguladas culturalmente e baseadas em um sistema de crenças cujos princípios fundamentam-se igualmente na cultura (Manfroi, Faraco, & Vieira, 2010). Segundo Schaffer (2000), a família é o primeiro grupo que a criança começa a aprender a conviver e isso facilita às crianças a aprendizagem de regras coerentes de comportamento ligadas a diversas configurações externas (de outras famílias, trabalho, lazer, assim por diante) para que assim, possam as crianças, serem introduzidas gradualmente na vida social.

Os primeiros agentes socializadores são os pais. Parentes, colegas, amigos e professores, também têm um papel significativo, mas, geralmente são os pais que provocam maior impacto na vida dos filhos, influenciando os comportamentos, as atitudes futuras e a formação da personalidade. Tendo em vista estes aspectos pode hipotetizar-se que a função paterna de abertura ao mundo apresentará correlação com a abertura à experiência dos adolescentes.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica apresenta uma discussão sobre os principais temas relacionados ao fenômeno pesquisado iniciando pelas Práticas parentais, seguido pelos Aspectos históricos sobre a paternidade. Também será discutido o conceito do envolvimento paterno, bem como os resultados das principais pesquisas relacionadas ao tema. Serão discutidas as “diferenças entre pais e mães na interação com seus filhos” e os “jogos lúdicos como mecanismo de interação pai-filho”. Posteriormente será apresentada a Teoria da Relação de Ativação e o conceito de Abertura ao mundo que se encontra no cerne dessa teoria. Finalmente abordar-se-á o tema da Abertura à experiência e encerra-se com o tema da adolescência.

4.1 Práticas parentais

Uma das principais tarefas da família, é promover a socialização dos filhos introduzindo-os num contexto social mais amplo do que a família, auxiliando-a na construção de padrões de comportamento socialmente aceitos (Boeckel & Sarrieira, 2006). Durante a infância, os pais procuram apontar e orientar os comportamentos desses, no sentido de seguirem certos princípios morais e adquirirem comportamentos que levem à autonomia e à responsabilidade. Aspectos culturais e desenvolvimentais devem ser considerados no alcance de tais ações parentais no que concerne ao comportamento e aos objetivos que são desejados para criança (Pacheco, Silveira, & Schneider, 2008).

Um dos primeiros estudos que enfocaram a maneira como os pais criam seus filhos é o trabalho de Baumrind (1966), que destacou três modelos de estilos parentais: o autoritário – com maior controle, regras impostas e pouco apoio à criança; o permissivo – com pouco controle, poucas exigências e apoio forte; e o autoritativo – em que há controle e apoio, com regras fixas e incentivo à autonomia.

Desde Baumrind é possível encontrar diferentes formas de nomear as estratégias que os pais utilizam na educação de seus filhos, como por exemplo: práticas parentais, práticas educativas, práticas de cuidados, cuidados parentais, coparentalidade, entre outros. Além disso,

estão presentes na literatura termos referentes às cognições parentais, como crenças, ideias e valores parentais, e metas de socialização (Macarini, Martins, Minetto, & Vieira, 2010).

A forma como os pais exercem a sua função parental assim como os efeitos que as práticas educativas parentais produzem no desenvolvimento psicossocial das crianças, tem sido objeto de atenção de diversos trabalhos ao longo dos últimos anos (Bergamo, Bazon, & Rezende, 2012; Lejarraga, 2011; Muñoz et al., 2012; Noriega, Ramos, Calderón, & Gonzáles, 2009; Patias, Siqueira, & Dias, 2012).

Em seu conjunto, os estudos sugerem que as práticas parentais estão relacionadas a diversos indicadores de desenvolvimento dos filhos, tais como autoestima, desempenho acadêmico, competência interpessoal, comportamentos agressivos, depressão, ansiedade, entre outros.

Atualmente, a importância da relação entre pais e filhos e das práticas de socialização utilizadas para promoção do desenvolvimento psicossocial da criança baseia-se no entendimento de que os processos relacionais entre pais e filhos são situações complexas, que influenciam e são influenciados pelo contexto imediato de inserção da família e por situações mais distais da organização social e histórica da comunidade (Benetti & Balbinotti, 2003).

Especificamente no Brasil, as mudanças sociais contemporâneas que têm acontecido nas últimas décadas, como o aumento das mulheres no mercado de trabalho e as novas configurações familiares, produziram transformações na estrutura familiar e nas funções desempenhadas por cada um dos pais (Vieira et al., 2013; Vieira et al., 2014). A visão tradicional do pai, em que lhe era atribuída a função de ser o principal provedor da família está mudando, uma vez que as mulheres têm exercido também o papel de chefes de família, os pais estão cada vez mais participando do cuidado das crianças e das funções domésticas (Bandeira, Goetz, Vieira, & Pontes, 2005; Bossardi et al., 2013; Vieira et al., 2013).

4.2 Aspectos históricos sobre a paternidade

A ideia da paternidade tem diferentes sentidos em sociedades e culturas diversas e sofreu importantes mudanças ao longo dos tempos. Pode-se afirmar que se aprende a ser pai para além da família e das relações de parentesco, nos múltiplos contextos em que há interação, e que as ações, valores e sentimentos, aí presentes, são sempre mediados

por questões culturais (Staudt & Wagner, 2008). A paternidade por si só já corresponde a um período de transformações na vida de um homem. Porém, quando exercida num tempo em que as funções atribuídas ao pai parecem não estar tão bem delineadas como em épocas anteriores, pode se tornar ainda mais complexo (Grazieli, Oliveira, & Rita, 2011).

A própria concepção de paternidade tem experimentado drásticas mudanças decorrentes das modificações econômicas, sociais e culturais que a família vem sofrendo ao longo do tempo. O exercício da paternidade tem demonstrado que as características dos papéis e interações familiares sofreram transformações na sociedade ocidental, desde o modelo patriarcal até a sociedade pós-moderna quando surgem novos formatos de família (Lamb, 1997). Na década de 1970, a divisão tradicional dos papéis parentais considerava que o pai tinha a função de chefiar a sua família, zelando sempre pelo seu sustento. Os seus deveres estavam preestabelecidos por gerações anteriores e havia poucas possibilidades de exercê-los de outras formas. Uma das razões que o colocava nesse campo reside no fato de que o homem era a única pessoa que trabalhava fora de casa. A mulher, por sua vez, permanecia no lar, responsabilizando-se pela criação do filho e ocupando o lugar central no desenvolvimento afetivo da criança (Grazieli et al., 2011; Staudt & Wagner, 2008).

A maior inserção da mulher no mercado de trabalho possibilitou a criação de novos arranjos familiares e, conseqüentemente, a reestruturação dos papéis parentais. A paternidade deixou de incluir somente o papel limitado à figura de provedor para acrescentar outras funções como a aproximação afetiva e o diálogo. O homem teve a possibilidade de ampliar o contato com seus filhos e a participar mais no processo educativo. Além disso, a figura de pai autoritário deu lugar a um pai mais flexível e sensível às diversas situações cotidianas (Souza & Benetti, 2009).

Essas novas cobranças em relação ao homem tanto nas suas funções de pai como de esposo caracteriza o fenômeno denominado “nova paternidade”. Contudo a necessidade de maior envolvimento com os filhos encontra muitos entraves na prática cotidiana masculina, revelando que a transformação dos valores não segue o ritmo das mudanças sociais. Na construção de um novo modelo de paternidade, os

homens ainda se mostram menos frequentemente envolvidos com seus filhos do que as mães (Tudge et al., 2000).

Entretanto, é inegável que as transformações do papel masculino na família e o maior envolvimento masculino, no cuidado e responsabilidade para com os filhos, foram uma das grandes mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais no século XX (Staudt & Wagner, 2008). Essa nova distribuição de papéis parentais abriu o caminho para uma conceituação do que se chama de Envolvimento Paterno.

Partindo do entendimento de que o pai influencia o desenvolvimento infantil, interessa saber de que forma ocorre esta influência, ou seja, que aspectos do comportamento paterno e da interação pai-filho, inseridos no contexto familiar, interferem, no desenvolvimento da criança. O envolvimento do pai nos cuidados com os filhos pode ser um importante elemento na influência de aspectos no desenvolvimento infantil, portanto, estudá-lo se mostra cada vez mais relevante.

4.3 Envolvimento Paterno

Nas pesquisas sobre paternidade são encontradas diversas terminologias para se referir aos cuidados paternos. Os conceitos encontrados com maior frequência são investimento, envolvimento e engajamento paterno (Bossardi et al., 2013).

O termo investimento é derivado da biologia evolucionista e caracteriza-se pelas atividades nas quais os pais se engajam para contribuir com a sobrevivência da espécie e garantir seu sucesso reprodutivo (Hewlett, 1992). Sobre os outros dois termos, uma pesquisa de levantamento bibliográfico² verificou a incidência de artigos internacionais e nacionais sobre o tema paternidade na literatura nacional e internacional indexada, referente ao período compreendido entre 2000 e 2010. Os resultados apontaram que os conceitos são utilizados como sinônimos, entretanto a expressão envolvimento paterno é mais utilizado no Brasil do que o conceito de engajamento paterno. Neste estudo será adotado o termo envolvimento paterno.

O conceito tem sido caracterizado de diferentes maneiras na psicologia e nas ciências sociais, a equipe ProsPère

² Gomes, L. B., Bossardi, C. N., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2010). Engajamento Paterno: Uma revisão da produção acadêmica referente ao período compreendido entre 2000 e 2010 (manuscrito não publicado).

(<http://www.graveardec.uqam.ca/prospere/>), sediada na Universidade de Québec a Montréal (UQÀM) no Québec (Canadá), formada por pesquisadores de diversas áreas, que há 10 anos dedicam-se ao estudo da paternidade o define o envolvimento paterno como a participação e a preocupação contínua do pai biológico ou substituto acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho. O envolvimento se exprime de diferentes formas e se desenvolve passo a passo e a sua maneira, contemplando as seguintes características no pai: Pai em interação (presença do pai para com a criança, direta ou indireta); Pai que cuida (compartilha as tarefas cotidianas); Pai afetuoso (através de gestos e palavras que tranquilizam e encorajam à criança); Pai responsável (realiza tarefas para o desenvolvimento da criança); Pai provedor (promove apoio financeiro para as necessidades da criança); e Pai evocativo (pai que pensa na criança). (Dubeau et al., 2009).

Lamb, Pleck, Chanov e Levine (1985) delimitaram três componentes para investigar o envolvimento paterno: interação, acessibilidade e responsabilidade. A interação refere-se ao contato direto com o filho, através do cuidado e outras atividades compartilhadas como brincadeiras ou lazer. A acessibilidade diz respeito à presença ou disponibilidade potencial para interagir com a criança. Por fim, a responsabilidade faz referência ao papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos para a criança.

Inicialmente, o envolvimento paterno foi operacionalizado de forma quantitativa, medindo-se o número de horas que o pai destinava aos cuidados e outras atividades com a criança. Posteriormente, Parke (1996) apontou a importância dos aspectos relacionados com a qualidade e o conteúdo na análise do envolvimento paterno.

A introdução do conceito de interação positiva pai-filho (Pleck & Masciadrelli, 2004) marca um progresso na investigação sobre as relações pai-filho ao levantar a necessidade de realizar pesquisas que avaliem essa dimensão do envolvimento paterno e sua relação com aspectos do desenvolvimento a criança, através da utilização de instrumentos adequados para atender as exigências psicométricas do modelo teórico, tendo em vista as deficiências existentes na mensuração do envolvimento paterno (Eugène, Paquette, & Claes, 2010).

Com relação aos fatores que influenciam o envolvimento paterno, são quatro: motivação, habilidades/autoconfiança, suporte

social e práticas institucionais (Lamb, 1997). O primeiro fator está relacionado ao desejo do pai se envolver nos cuidados diários dos filhos é influenciada por sua própria história e pelo envolvimento com seu próprio pai, características da personalidade e crenças. Assim, acredita-se que o pai se envolve com seus filhos como seu próprio pai se envolvia com ele, ou tenta compensar as faltas que percebeu no envolvimento do seu pai se envolvendo mais com seus filhos do que seu pai se envolvia com ele (Pleck & Pleck, 1997).

As habilidades que os pais possuem em cuidar de seus filhos influenciam no envolvimento paterno, pois, os pais podem ser tão competentes nos cuidados das crianças quanto as mães, embora a falta de prática faça com que levem mais tempo para chegarem a um nível de competência semelhante ao evidenciado nas mães. Já o suporte se refere à aprovação e incentivo do envolvimento paterno por pessoas significativas, como a mãe, parentes, amigos e colegas (Lamb et al., 1985).

As práticas institucionais estão relacionadas ao ambiente de trabalho e relacionamento do pai com os colegas desse contexto. Sobre esse assunto, Cia e Barham (2009) afirmam que as condições de trabalho podem reduzir a participação do pai na rotina familiar. Outros estudos evidenciam que quanto maior a jornada de trabalho do pai, menos engajado ele é com filho (Beltrame & Bottoli, 2010; Gomes, 2011). Silva e Piccinini (2007) também verificaram que o tempo que o pai está disponível para os filhos está fortemente influenciado pelas exigências do trabalho dos pais. Assim, embora o trabalho possa reduzir o envolvimento direto do pai com a criança, existe o envolvimento indireto, na medida em que sendo o provedor, ele está proporcionando recursos materiais para garantir o sustento da família (e isto corresponde à dimensão da responsabilidade). Assim, quando os pais possuem uma extensa jornada de trabalho e acabam não ficando com os seus filhos, é importante ressaltar que pode não haver o envolvimento direto, mas o envolvimento indireto se faz presente.

Por outro lado, uma revisão da literatura realizada por Vieira et al. (2013) acerca do tema da Paternidade no contexto brasileiro mostrou que as pesquisas revisadas não apresentavam consenso sobre as variáveis que influenciam a paternidade. No entanto, destacam que algumas variáveis podem ser importantes na influencia do envolvimento paterno, tais como: as características paternas (experiências de sua própria infância, atitudes e crenças sobre os papéis de gênero, sentimentos de competência e características sociodemográficas);

características da família (relacionamento com suas esposas e atitudes das mães e comportamento em relação a paternidade, inclusive se mães estimulam ou inibem a participação paterna); características das crianças (sexo, idade e temperamento) e; características do ambiente social (vida e condições de trabalho, a cultura e as políticas sociais).

Além disso, Vieira et al. (2013) mostraram que existem outros fatores que podem causar variações no grau de envolvimento paterno: a relação dos pais com suas esposas, a percepção das mães sobre o papel paternal, o encorajamento materno e facilitação da participação paterna. O fator trabalho, assim como a escolaridade paterna, condições e ambiente social para a convivência familiar parecem estar associados ao envolvimento do pai. Níveis de escolaridade elevado do pai e melhores condições de trabalho e de renda indicam envolvimento maior do pai. A existência de um elevado grau de afeto entre o pai e sua esposa também está relacionada a altos índices de envolvimento com os filhos. Viver com seus filhos também pode afetar a qualidade da relação paternal. Apesar das evidências encontradas, os autores afirmam que em vários estudos apresentavam resultados inconclusivos e muitas vezes contraditórios, por isso destacam a necessidade de investigar essas variáveis em profundidade (Vieira et al., 2013).

A seguir serão apresentadas pesquisas que investigam o envolvimento paterno, bem como os principais resultados encontrados.

4.3.1 Pesquisas sobre o Envolvimento Paterno

A criança que vive com a privação paterna (em decorrência do divórcio ou decorrente de interações infrequentes entre pai e filho mesmo morando na mesma casa), pode ter problemas no desenvolvimento, podendo ser considerado um fator de risco (Marshall, English, & Stewart, 2001). A pesquisa desenvolvida por Grzybowski e Wagner (2010) investigou as práticas parentais de pais e mães separados/divorciados com seus filhos. Os resultados evidenciam maior envolvimento materno do que paterno com os filhos após o divórcio, tanto direto (cuidados, interação) quanto indireto (monitoramento, preocupação). A coabitação com a mãe mostrou ser uma variável significativa associada ao maior envolvimento dela em atividades no espaço privado/doméstico, enquanto os pais tiveram maior

envolvimento no espaço público/social. Características contextuais (coabitação, frequência de visitas) e características dos pais (ocupação, escolaridade, questões afetivo-conjugais) mostraram-se fortemente associadas ao envolvimento parental após o divórcio.

Em relação à importância do envolvimento paterno no processo de ensino e aprendizagem dos filhos também tem sido foco de pesquisas. Pillegi e Munhoz (2010) procuraram investigar as relações existentes entre pai e filho, visando compreender a importância destas interações para o desenvolvimento pessoal e social dos filhos/alunos, denunciadas no desempenho escolar e na aquisição da aprendizagem dessas crianças. Os resultados apontaram que há pais que reconhecem sua importância na vida dos filhos, mas que ainda não conseguem por em prática todo o seu potencial. Sendo que os filhos de pais presentes, participantes e exigentes das regras impostas, apresentam melhor desempenho escolar e maturidade pessoal e social.

Cia, Barham e Fontaine (2012) também mostraram resultados semelhantes ao investigar as relações entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico e autoconceito de escolares. Os resultados apontaram que quanto maior a frequência de comunicação entre pai e filho, a participação do pai nos cuidados com o filho e a participação do pai nas atividades escolares, culturais e de lazer do filho, maior o desempenho acadêmico e o autoconceito das crianças. Esses resultados são indicativos da importância do envolvimento paterno e apontam a necessidade de se realizarem intervenções educativas dirigidas aos homens.

Pesquisas também têm sido realizadas sobre a paternidade vivenciada pela primeira vez (Gabriel & Dias, 2011; Jager & Bottoli, 2011; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2012). Para o homem, a gestação e o nascimento do filho são atravessados por diferentes significados, transformações e responsabilidades que antes não existiam. A parentalidade pode gerar inúmeros sentimentos e maneiras particulares de vivenciar a chegada da criança, o que pode resultar em uma ambivalência nos sentimentos (alegria e tristeza) e nos comportamentos (proximidade e afastamento) vividos pelo homem (Piccinini et al., 2012).

Gabriel e Dias (2011) investigaram as experiências e sentimentos de pais em relação à própria paternidade e em relação aos próprios pais. Os resultados revelaram que os pais descrevem-se como participantes nas tarefas de cuidado, e também como pessoas atenciosas e preocupadas com a educação e a saúde de seu filho. Diferenças e

semelhanças em relação ao próprio pai no modo de exercer a paternidade mostram que, ao mesmo tempo em que desejam reproduzir os acertos dos pais, também buscam não repetir os erros.

A pesquisa de Piccinini et al., (2012) investigou o envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. Os pais revelaram envolverem-se nas atividades de cuidado, embora nem sempre de maneira rotineira. Também relataram preocupações e envolvimento nas decisões relativas aos cuidados, educação e saúde do bebê. Contudo, consideravam que sua participação estava muito limitada em função das restrições impostas pelo trabalho. Os resultados apontam para um aumento no envolvimento paterno nos primeiros meses do bebê e para a necessidade de apoio aos pais neste momento de transição familiar.

Por outro lado, o estudo de Jager e Bottoli (2011) apresentou resultados distintos. O objetivo deste estudo era entender como os homens percebem a volta para casa com seu bebê e as implicações desse fenômeno na vida familiar. Os resultados apontaram para uma busca de inclusão paterna nos cuidados ao bebê, porém timidamente, já que as questões de gênero marcaram as falas dos pais. O sentimento de distanciamento afetivo entre o casal apareceu como fator significativo desse período, e as responsabilidades masculinas, predeterminadas socialmente, como a educação dos filhos e o desempenho do papel de provedor na família, sobressaíram no momento que se perceberam pais. Os autores concluíram ainda existe uma paternidade tradicional desempenhada por esses pais, já que a atuação deles durante esse período é determinada por questões de gêneros ainda instituídas na sociedade.

No que se refere à percepção dos filhos sobre o comportamento parental, Goetz e Vieira (2009) investigaram a percepção que as crianças têm em relação ao comportamento paterno de cuidado e as diferenças em relação ao materno. Os resultados indicaram diferenças significativas entre a percepção que os filhos têm do pai real em relação ao ideal. Quanto à percepção real da mãe, aproxima-se do ideal dos filhos. As crianças percebem o pai real bastante afastado do ideal em aspectos relacionados ao cuidado e à interação. Quanto à mãe real, ela está predominantemente mais próxima do modelo ideal percebido nesses mesmos aspectos.

Por outro lado estudos tem demonstrado que há diferenças específicas nos tipos de cuidados que cada um dos pais provê aos filhos (Paquette, 2004b). Esses cuidados são qualitativamente diferentes e podem somar-se um ao outro promovendo ainda melhores níveis de desenvolvimento (Crepaldi et al., 2006), independentemente do tipo de configuração familiar à qual pertença a díade pai-criança.

4.4 Diferenças entre pais e mães na interação com seus filhos

O pai exerce influências que propiciam o desenvolvimento de competências diferentes das da mãe, principalmente na área de relações sociais. O fato de o pai exercer mais atividades de brincar com o filho permite à criança o seu desenvolvimento motor e social. Enquanto as mães preocupam-se mais com as questões afetivas, os pais são tradicionalmente mais ocupados com a educação e os valores de seus filhos (Lamb, 1997).

Os primeiros estudos que compararam a interação mãe-filho e pai-filho que foram focados em bebês descobriram que pais e mães têm a capacidade de interagir e se comunicar com seu bebê (Pedersen, 1980; Yogman, 1981), mas os pais estão mais preocupados em estimular a criança a explorar o ambiente do que as mães. Os pais tendem a se engajar com a criança em interações físicas por meio de jogos imprevisíveis, enquanto as mães verbalizam mais do que os pais e tentam manter contato por meio de objetos e jogos visuais para atrair a atenção do bebê. Os pais são mais ativos fisicamente com as crianças em idade pré-escolar do que as mães (Dumont & Paquette, 2013; Paquette, 2004b, Paquette et al., 2009; Paquette, Coyl-Shepherd, & Newland, 2013).

Um dos resultados mais interessantes da pesquisa empírica sobre envolvimento paterno é que os pais geralmente se envolvem menos do que as mães em todas as dimensões da paternidade, exceto nos jogos físicos. Jogos físicos, tais como, fazer exercício com crianças, jogar a criança no ar e pegar de volta, fazer cócegas, e brincar de “lutinha” na idade pré-escolar (Bossardi, 2011).

Desde o nascimento dos filhos os pais usam jogos físicos vigorosos mais frequentemente do que mães, enquanto que as mães utilizam mais jogos cognitivos envolvendo objetos e dramatização. Portanto, a mãe é percebida pela criança como uma fonte de bem-estar e segurança, enquanto o pai é o preferido como um companheiro, especialmente entre os meninos (Lamb, 1997; Paquette, 2004b). Durante

os jogos físicos, os pais buscam provocar e desestabilizar a criança, emocional e cognitivamente, para tanto, as crianças precisam aprender a reagir a acontecimentos imprevistos. Nesse sentido o pai age como um catalisador para a tomada de riscos (Kromelow, Harding, & Touris, 1990), pois ele leva à criança a tomar iniciativa, explicar ambientes desconhecidos, se aventurar, a avaliar os obstáculos e ser mais ousado na presença de estranhos, a afirmar-se frente aos outros. Em outras palavras, o pai desempenha um papel vital na estimulação para que a criança se explore o mundo.

4.5 Jogos lúdicos como mecanismo de interação pai-filho

Mães e pais encorajam os filhos a explorar seu ambiente, mas de modos diferentes. Os pais interagem com seus filhos de uma forma muito lúdica e provocativa à qual as crianças respondem com grande entusiasmo. A intensidade em que ocorrem os jogos físicos pode explicar o motivo de porque a criança desenvolve um forte vínculo com seu pai, mesmo que seja com menos frequência do que comparado com o tempo que a mãe está presente junto com a criança (Paquette, 2004b). A qualidade da interação entre pais e filhos é mais importante do que o grau de envolvimento, e possivelmente a interação é mais significativa para os pais que realizam jogos físicos com os filhos (Lamb, 1997).

4.5.1 “*Rough-and-Tumble Play*” e a Disciplina

O *Rough-and-Tumble Play* (RTP) ou brincadeira turbulenta, como é traduzida em português, é uma forma de jogo físico, comumente observada em pais e filhos. Trata-se de comportamentos intensos como, lutar, pular, cair, e correr, comportamentos estes que aparentam ser agressivos fora do contexto do jogo. O RTP é o jogo humano menos estudado, em parte porque muitos adultos acreditam que é perigoso, por conseguinte, pouco se conhece sobre o impacto do RTP de pai-filho sobre o desenvolvimento psicossocial das crianças (Flanders, Leo, Paquette, Pihl, & Jean, 2009; Flanders et al., 2010).

Os pais que são afetivos e capazes de impor regras e limites claros às crianças lhes permitam desenvolver a autoconfiança, tornam-se responsáveis e são cooperativos com adultos e seus pares na idade pré-

escolar (Baumrind, 1966), o que conseqüentemente possibilita o desenvolvimento de habilidades sociais e acadêmicas na idade escolar. Os limites protegem a criança e promovem o desenvolvimento da autonomia. Entretanto quando a disciplina dos pais não está associada à afetividade, ela é menos eficaz e tem um impacto negativo sobre o desenvolvimento da criança (Paquette, 2004b).

Os jogos entre pai e filho, têm duas dimensões principais do comportamento parental: o afeto e o controle. No RTP entre pai e filho, o pai pode transmitir a mensagem “eu te amo” (componente afetivo) ao mesmo tempo que “eu sou mais forte que você” (componente antagônico). O RTP deve, portanto dar minimamente prazer à criança, mas com controle moderado do pai, ou seja, o pai deve ter a sensibilidade para permitir a troca de funções durante o jogo entre “dominante” e “subordinado” e aceitar que a criança regularmente tenha o domínio do jogo. De acordo com Paquette (2004a) os jogos físicos são menos comuns em pais autoritários, isto é, aqueles que tendem a ser menos afetivos e utilizam mais controle, tal como punições físicas para obter obediência e respeito.

O período pré-escolar é marcado pelo aumento da busca pela autonomia e os pais costumam adotar comportamentos que promovam essa autonomia, mas também se preocupam por supervisionar a criança, para garantir sua segurança e socialização. Portanto, a disciplina dos pais desempenha um papel muito importante principalmente nos meninos, pelo fato de que eles são mais agressivos, mais ativos, mais impulsivos e mais aventureiros do que as meninas, e assim estão mais propensos a ter acidentes do que as elas (Flanders et al., 2010; Paquette, 2004b). O papel desempenhado pelos pais é essencial para proteger seus filhos, facilitando o desenvolvimento da obediência nas crianças.

4.5.2 O RTP como regulador da agressividade

As pessoas em geral, e os pais (homens e mulheres) especificamente podem imaginar que as brincadeiras de “lutinha” incentivam a agressividade, logo, impedem as crianças de brincar de “lutinha” para evitar o aparecimento de problemas de comportamento. Contudo pesquisadores têm demonstrado que esse tipo de brincadeira é uma fonte essencial para aprendizagem da criança, no que se refere à regulação da agressividade, desenvolvimento de habilidades sociais, ente outros (Flanders et al., 2009; Flanders et al., 2010; Paquette, 2004b; Paquette, Carbonneau, Dubeau, Bigras, & Tremblay, 2003).

Comportamentos físicos agressivos, tais como: bater, chutar, empurrar e morder, podem ser observados já em bebês e normalmente tendem a diminuir na idade pré-escolar. Essa queda se deve provavelmente pelo desenvolvimento das habilidades de autorregulação, que servem para inibir a agressão física e desenvolver habilidades socialmente mais adequadas. No entanto, algumas crianças não conseguem desenvolver essas habilidades, o que pode colocá-las em risco psicossocial para desenvolver problemas na vida adulta (Flanders et al., 2009; Flanders et al., 2010; Paquette, 2004b; Paquette et al., 2003). Diante desses dados, percebe-se a necessidade de ajudar às crianças que se encontram em situação de risco a aprender a regular seus comportamentos agressivos como forma de prevenir problemas mais severos em etapas posteriores da vida.

Os pais podem ajudar seus filhos ensinando-os a regular seu próprio comportamento através do RTP. Além disso, através dessas experiências a criança aprende a superar seus próprios limites e a explorar seu ambiente. Dessa forma os pais fomentariam o vínculo afetivo necessário para desenvolver o sentido de segurança e autoconfiança das crianças (Flanders et al., 2009).

4.6 Teoria da Relação de Ativação

O vínculo emocional na relação dos pais com seus filhos é uma dimensão importante dessa relação. Em 1969, Bowlby desenvolveu a teoria do apego na interação mãe-filho, a qual descreve que a criança regularmente procura contato com suas figuras de apego quando se sente insegura por uma novidade, essa figura lhe acalma a criança e lhe proporciona conforto a confiança necessária para explorar melhor o ambiente.

Paquette (2004a), por sua vez, desenvolveu a dimensão “*exploração*” da teoria do apego ao propor a Teoria da Relação de Ativação para explicar o vínculo afetivo pai-filho. O conceito de *relação de ativação* está associado à ideia de que criança é incentivada a explorar o ambiente e assumir riscos, isso em um contexto de confiança para ser protegida contra perigos potenciais. Dessa forma os pais fomentariam o vínculo afetivo necessário para desenvolver o sentido de segurança e autoconfiança das crianças (Paquette et al., 2013).

Segundo Yogman (1981), crianças estão predispostas a procurar um equilíbrio entre o apego e estímulo. Assim como elas mostram sinais de manter a proximidade, para serem cuidadas e ser consoladas por adultos, as crianças também procuram serem estimuladas a enfrentar ameaças e desafios.

4.6.1 Características da Relação de Ativação

Em um relacionamento de ativação a criança aprende a confiar em suas próprias habilidades para lidar com as ameaças e estranheza do ambiente físico e social, uma vez que seu pai incita a ir mais longe na exploração em um ambiente seguro. O termo "ativação" também pode ser entendido como um mecanismo de gatilho que regula as emoções despertadas pelo confronto com a novidade e estranheza, essencial para o desenvolvimento competência social (Dumont & Paquette, 2013).

Segundo Morrongiello e Dawber (1999), o pai desempenha um papel particularmente importante no desenvolvimento dos meninos. Mas, considerando a mudança de status social mulheres nas últimas décadas, a relação de ativação pode ter um efeito positivo sobre as meninas para se adaptarem ao ambiente. Assim, o apego pais-filhos pode desenvolver-se a partir de diferentes dimensões do comportamento parental, tanto pelo pai, pela mãe, independentemente condições ambientais. Cabe a cada casal combinar os papéis que serão desempenhados por cada um deles de forma justa, levando em consideração as habilidades, interesses e disponibilidade de cada um enquanto para promover o pleno desenvolvimento das crianças. Em outras palavras, os papéis da paternidade são intercambiáveis, um pai pode muito bem ser uma fonte de conforto para seus filhos e mãe ser a fonte de ativação (Flanders et al., 2009; Flanders et al., 2010; Paquette et al., 2003).

A partir da Teoria da Relação de Ativação, Paquette desenvolveu um experimento denominado *Risky Situation* ou Situação de Desafio em português, com crianças de 12 a 18 meses (Paquette & Bigras, 2010). Nesse procedimento, a criança é encorajada a explorar uma sala desconhecida na presença do pai e de uma pessoa estranha. A situação envolve o risco social, através da pessoa estranha que é gradativamente mais intrusiva e interacionista e o risco físico, pela presença de uma escada grande e colorida exposta no centro da sala. A Situação de Desafio, permite classificar o nível de ativação das crianças,

por meio do comportamento do pai, em três tipos de ativação: subativada, ativada e sobreativada.

As crianças *ativadas* interagem de forma positiva com a pessoa estranha, demonstrando sinais de hesitação ou medo e exploram os degraus da escada com certa preocupação e obediência aos limites de segurança definidos. As *subativadas* interagem de forma menos positiva com a pessoa estranha, demonstrando mais medo e hesitação e na escada, irão explorar menos e serão cautelosas e obedientes. Já as *sobreativadas* são altamente sociáveis com a pessoa estranha, não mostrando sinais de hesitação ou medo, mesmo quando o estranho começa a ser intrusivo, e na escada a exploram de perigosamente com alguns sinais de imprudência e desobediência (Dumont & Paquette, 2013; Paquette et al., 2009).

4.7 Teoria da Relação de Ativação e Abertura ao Mundo

A *abertura ao mundo*, encontra-se no cerne da Teoria da Relação de Ativação (Paquette, 2004b) e inclui dois papéis principais: a estimulação e disciplina ou controle. Segundo esta teoria, criança é incentivada a se abrir para o mundo exterior (estimulação) ao definir os limites adequados para a sua segurança (disciplina), pais fomentariam o vínculo afetivo necessário para desenvolver o sentido de segurança e autoconfiança das crianças.

Os pais também costumam estimular a competitividade, especialmente através do RTP. Quando a criança se encontra frente a um adversário, que pode ser mais forte do que ela, deve fazer uso de habilidades e estratégias para vencer ou para permanecer no jogo. Para tanto, a criança precisa confiar em suas capacidades para enfrentar seu oponente, defender os seus direitos e território. A desestabilização que proporciona o jogo, pressiona a criança a superar seus limites emocionais e cognitivos para se adaptar à situação. Através dessas experiências a criança aprende a lidar com os desafios, a tomar a iniciativa em situações inesperadas, assumir riscos, e “criar” coragem na presença de estranhos (Dumont & Paquette, 2013; Paquette et al., 2009; Paquette et al., 2013).

Percebe-se que o pai estimula a criança para que assuma riscos, entretanto, a estimulação deve se enquadrar dentro dos limites que

protegem a criança, evitando perigos potenciais (acidentes, agressões, etc.) daí a importância da disciplina, como foi explicado anteriormente. Os limites e as regras igualmente asseguram a criança tanto quanto o amor e conforto e, como eles são razoáveis, não impedem o desenvolvimento de autonomia (Eugène et al., 2010).

O pai, também, desempenha o papel de ponte linguística com o mundo exterior, usando formas mais complexas de linguagem com seu filho (fazendo referência a eventos passados, dizendo as palavras mais desconhecidas e, muitas vezes, pedindo esclarecimentos), o que leva a criança a conversar mais e utilizar um vocabulário mais variado com seu pai. Sendo assim, enquanto as mães tendem a verbalizar sobre as emoções, os pais estão mais focados na ação (Paquette, 2004b; Paquette et al., 2009).

Em resumo, o pai desempenha um papel fundamental na abertura ao mundo, através da estimulação da criança para a explorar o ambiente imediato, desenvolver as habilidades de combate, explorar o território para encontrar recursos, capacidades que são necessárias para assegurar, depois de adulto, sua sobrevivência (Paquette et al., 2009). As experiências iniciais da vida podem ter repercussões ao longo da vida. Como a adolescência é um período de busca de autonomia e consolidação da personalidade, estudar a relação da percepção de que os jovens têm da sua vivência na infância é um fator importante para entender como eles se constituem como jovens.

4.8 Abertura à Experiência

A abertura à experiência é um dos cinco domínios da personalidade de acordo com o Modelo dos Cinco Grandes Fatores. Este fator é caracterizado por traços tais como ser imaginativo, apresentar uma elevada sensibilidade para arte, beleza, uma curiosidade intelectual, apreciação da experiência, bem como a tolerância e a curiosidade pelo que é novo (Filipe, 2012).

O Modelo dos Cinco Grandes Fatores apresenta-se como resultado de uma série de estudos que se valem da análise fatorial para identificar as dimensões básicas da personalidade. Conforme destacam Pervin e John (2004), diferentes estudos, conduzidos por pesquisadores distintos e realizados com uma ampla variedade de fontes de dados, amostras e instrumentos corroboram uma solução de cinco fatores no que refere à melhor forma de descrever os aspectos constituintes da personalidade. A exploração das relações desse modelo com inúmeros

construtos passíveis de serem explorados pela Psicometria tem gerado significativos avanços para a Psicologia.

Abertura à experiência é frequentemente mencionada como Intelecto. Porém, Abertura não está diretamente relacionada com inteligência. Este fator refere-se aos comportamentos exploratórios e reconhecimento da importância de ter novas experiências. Pessoas que apresentam baixos níveis de abertura tendem a ser convencionais em suas atitudes, mostram-se mais dogmáticas, mais conservadoras em suas preferências, além de apresentarem uma menor flexibilidade em suas crenças. Em contrapartida, níveis altos de abertura à experiência expressam um maior grau de curiosidade, imaginação, criatividade, bem como uma maior tendência para valorizar ideias e padrões não convencionais (Vasconcellos & Hutz, 2008).

A abertura à experiência também tem sido relacionada com a inteligência cultural. Depaula e Azzollini (2013) investigaram se a personalidade poderia ser considerada uma variável preditora da inteligência cultural, e constataram que a única dimensão da personalidade capaz de prever a inteligência cultural, foi o fator de abertura à experiência. Os resultados indicaram que os participantes que apresentavam curiosidade intelectual, que eram criativos e abertos a experiências, mostraram maior capacidade para se desenvolver em ambientes culturais diversos.

4.9 Adolescência

O período da adolescência se constitui como uma fase de transição do indivíduo, da infância para a idade adulta, evoluindo de um estado de intensa dependência para uma condição de autonomia pessoal e de uma condição de necessidade de controle externo para o autocontrole, sendo marcado por mudanças evolutivas rápidas e intensas nos sistemas biológicos, psicológicos e sociais (Biasoli-Alves, 2001).

Portanto, nesse período evolutivo, crucial para o desenvolvimento do indivíduo, culmina todo o seu processo maturativo biopsicossocial, ocorrendo a aquisição da imagem corporal definitiva, bem como a estruturação final da personalidade (Pratta & Santos, 2007). Para Kalina (1999) a adolescência corresponde a um fenômeno biopsicossocial cujo elemento psicológico do processo é constantemente

determinado, modificado e influenciado pela sociedade. Ela corresponde a um período de descobertas dos próprios limites, de questionamentos dos valores e das normas familiares e de intensa adesão aos valores e normas do grupo de amigos. Nessa medida, é um tempo de rupturas e aprendizados, uma etapa caracterizada pela necessidade de integração social, pela busca da autoafirmação e da independência individual e pela definição da identidade sexual.

Os adultos têm um papel central neste processo, pois oferecem a base inicial aos mais jovens, a bagagem de regras e normas essenciais para o social, bem como atuam como modelos introjetados, geralmente como ideais, cujas atitudes e comportamentos serão transmitidos às gerações que os sucedem (Biasoli-Alves, 2001).

Além das questões apontadas acima, é importante pontuar ainda que, nos últimos vinte anos a sociedade em geral, bem como a instituição familiar em particular, têm passado por inúmeras transformações, que acabam produzindo modificações relevantes no que diz respeito às vivências, à percepção e à construção que os adolescentes, por exemplo, produzem de seus aspectos sócio-afetivos, bem como de seus projetos de vida (Pratta & Santos, 2007).

Vale ressaltar que a abertura ao mundo é recente e pouco investigada, fatores estes que ressaltam a importância de explorar o assunto, tendo em vista que no Brasil não existem estudos relacionados ao tema. Portanto, procurar-se-á investigar a percepção de adolescentes do ensino médio sobre a função paterna abertura ao mundo, a partir da Teoria da Relação de Ativação que estuda o vínculo afetivo pai-filho.

5. MÉTODO

A presente pesquisa se insere no âmbito de um projeto mais amplo intitulado “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”. Tal projeto está sendo desenvolvido em parceria entre o Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) e o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) e tem por objetivo investigar o envolvimento paterno e sua relação com variáveis sociodemográficas, interação familiar e desenvolvimento infantil. Este projeto de dissertação é uma parte dessa pesquisa.

5.1 Desenho da pesquisa

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, do tipo descritiva que tem como finalidade descrever as características de determinadas populações ou fenômenos (Gil, 2010). A percepção de adolescentes sobre a função paterna “abertura ao mundo” foi estudada com base no delineamento de levantamento de dados, que de acordo com Ghiglione e Matalon (1993) consiste em interrogar certo número de indivíduos sobre um conjunto de variáveis, com vistas à generalização. Para isso, foram utilizados dois questionários padronizados. Quanto à temporalidade, será uma pesquisa do tipo transversal, pois os dados foram coletados em um único momento da trajetória de vida dos participantes (Sampieri, Collado, & Lucio, 2006).

5.2 Campo de pesquisa e participantes

A presente pesquisa trabalha com uma amostragem intencional, que segundo Gil (2010) afirma ser um tipo não probabilístico em que o pesquisador seleciona participantes com base em características representativas ou típicas que se pretendem estudar. Nesta pesquisa o critério da intencionalidade adotado é que os participantes sejam adolescentes estudantes do Ensino Médio. A pesquisa foi realizada em duas escolas de um município de médio porte situado no estado de Santa Catarina. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE, 2010), a referida cidade possui aproximadamente 421.240 habitantes, sendo uma população predominantemente urbana.

A amostra foi composta de um total de 274 adolescentes do Ensino Médio, provenientes de duas escolas do município mencionado, sendo 148 do sexo masculino e 126 do sexo feminino, com até 18 anos de idade. Esse limite foi adotado devido à idade estabelecida pelo instrumento (Questionário sobre abertura ao mundo para adolescentes-QOM-A) (Anexo A). Tais adolescentes estavam regularmente matriculados entre o 1º e o 3º ano do Ensino Médio da escola, séries escolhidas por que englobam alunos que se encontram na adolescência. A adolescência foi a etapa do desenvolvimento humano estipulada para a pesquisa porque se considera que é um período amplamente reconhecido como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. É uma época de mudança em que o jovem revê os papéis que eram ocupados na infância e busca novos referenciais além da família na construção da sua identidade.

5.3 Instrumentos

A Tabela 1 apresenta os instrumentos e as análises que foram realizadas para alcançar cada um dos objetivos.

Tabela 1 - Correspondência entre objetivos, instrumentos e tipo de análise

| Objetivo | Instrumentos | Tipo de análise |
|--|--|---|
| Descrever as variáveis sociodemográficas dos adolescentes | Questionário Sociodemográfico | Análise descritiva dos participantes (Frequências, Médias e Desvios Padrão) |
| Caracterizar a dimensão paterna de abertura ao mundo na percepção dos adolescentes sobre a função paterna abertura ao mundo dos adolescentes | Questionário de Abertura ao Mundo-Adolescentes | a) Análise descritiva com a exposição da Média e Desvio Padrão do score geral do QOM-A, dimensões e itens do instrumento; b) Teste t pareado para comparar as dimensões do QOM-A por pares; c) Coeficiente de correlação de Pearson para verificar relações entre as dimensões. |

| Objetivo | Instrumentos | Tipo de análise |
|--|--|--|
| Comparar a percepção de adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino sobre a abertura ao mundo | Questionário de Abertura ao Mundo-Adolescentes | <p>a) Análise descritiva em função do sexo dos adolescentes do escore geral do QOM-A, dimensões e itens do instrumento (com a exposição da Média e Desvio Padrão);</p> <p>b) Teste t para verificar a existência de diferenças significativas no escore geral do QOM-A e dimensões, entre adolescentes do sexo masculino e feminino.</p> |
| Caracterizar a dimensão de abertura à experiência dos adolescentes | Escala Fatorial de Abertura à Experiência | <p>a) Análise descritiva com a exposição da Média e Desvio Padrão do escore geral do EFA, fatores e itens do instrumento;</p> <p>b) Teste t pareado para comparar os fatores do EFA por pares;</p> <p>c) Coeficiente de correlação de Pearson averiguar a existência de relações entre os fatores.</p> |
| Comparar a percepção de adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino sobre a abertura à experiência | Escala Fatorial de Abertura à Experiência | <p>a) Análise descritiva em função do sexo dos adolescentes do escore geral do EFA, fatores e itens do instrumento (com a exposição da Média e Desvio Padrão);</p> <p>b) Teste t para verificar a existência de diferenças significativas no escore geral do EFA e fatores, entre adolescentes do sexo masculino e feminino.</p> |
| Relacionar a função paterna abertura ao mundo com a dimensão de abertura à experiência dos adolescentes | Questionário de Abertura ao Mundo-Adolescentes e Escala Fatorial de Abertura à Experiência | Coeficiente de Correlação de Pearson para avaliar o grau de relacionamento entre o QOM-A (escore geral e dimensões) e o EFA (Escore geral e fatores). |

a) Questionário Sociodemográfico: desenvolvido por pesquisadores vinculados ao NEPeDI, a fim de obter informações como idade, sexo, escolaridade, configuração familiar, vivência com o pai, entre outros.

b) Questionário de abertura ao mundo para adolescentes (*Questionnaire d'ouverture au monde pour adolescents* -QOM-A): criado por Paquette et al. (2009), investiga qual a percepção dos adolescentes sobre sua própria vivência com o pai na infância. Este questionário compõe 24 itens em cinco dimensões:

- “Estimulação à exploração” se refere ao incentivo do pai a explorar o ambiente, e inclui itens como, por exemplo, “Meu pai me encorajava a explorar o ambiente quando íamos para um lugar novo” e “Meu pai me encorajava a inventar brincadeiras novas”, (inclui os itens 1, 8, 9, 10, 18 e 20).

- “Estimulação à competição” se refere ao incentivo do pai a competir, por exemplo, “Meu pai me estimulava a competir nos esportes” e “Meu pai me encorajava a ser o primeiro da classe”, (inclui os itens 15, 19, 23 e 24).

- “Estimulação à perseverança” se refere ao incentivo do pai a perseverar diante de obstáculos, por exemplo, “Meu pai me encorajava a tentar de novo, quando eu não estava conseguindo realizar uma tarefa” e “Meu pai me encorajava a persistir em um jogo, mesmo se eu não estivesse ganhando”, (inclui os itens 2, 4, 5, 11 e 13).

- “Estimulação ao risco” se refere ao estímulo do pai a enfrentar situações de risco, por exemplo, “Meu pai me permitia fazer atividades de risco, como por exemplo: subir em árvores, cortar com faca, andar de bicicleta e nadar” e “Eu podia brincar fora do campo de visão do meu pai”, (inclui os itens 3, 6, 12, 14, 17 e 22).

- “Punição” sobre a repreensão de comportamentos desobedientes e de mau comportamento, por exemplo, “Quando eu desobedecia as suas ordens, meu pai me punia” e “Meu pai me punia quando eu me comportava mal”, (inclui os itens 7, 16 e 21).

A numeração de cada item pode ser consultada no Anexo A. Os itens foram avaliados a partir de uma escala Likert de seis pontos, sobre a frequência de atividades que o pai realizou quando os participantes tinham até 10 anos de idade. Esse instrumento foi validado com uma amostra canadense de 569 adolescentes com idades entre 12-17 anos. O QOM-A ainda não foi validado no Brasil. Portanto, para ser utilizado no presente trabalho, o instrumento foi submetido à análise de dois juízes e passou pelo processo de avaliação de equivalência semântica. Foram

contatados juízes especialistas na área para realizar uma apreciação da pertinência dos conceitos e dimensões apreendidos pelo instrumento original na cultura-alvo da nova versão (equivalência conceitual). Os juízes também avaliaram a adequação de cada item do instrumento original, em termos de sua capacidade para representar tais conceitos na população em que o instrumento foi utilizado (equivalência de itens). Após essa etapa, foi realizada a avaliação da equivalência semântica entre a versão traduzida e a original. Para esse processo, o instrumento foi aplicado em um grupo de adolescentes que avaliou se a tradução condiz com o contexto brasileiro, ou seja, com a forma como se fala na cultura na qual ele foi aplicado. Posteriormente pretende-se validar o instrumento com base nos resultados obtidos junto à amostra brasileira.

c) Escala fatorial de abertura à experiência (EFA) (Anexo B): autoria de Vasconcellos e Hutz (2008), é um instrumento psicológico construído para avaliar uma das dimensões da personalidade denominada Abertura à Experiência, a partir do modelo dos Cinco Grandes Fatores. Essa dimensão se refere à capacidade proativa e ao quanto a pessoa está aberta a novas experiências em sua vida ou fechada a tudo aquilo que não faz parte do cotidiano. O instrumento é composto de 42 itens em três fatores:

- “Atitudes” trata-se do envolvimento ativo com situações que possibilitem mudanças ou que envolvam novidades, e inclui itens como, por exemplo, “Sempre que posso, mudo os trajetos nos meus percursos diários” e “Gosto de estar sempre aprendendo coisas novas”, (inclui os itens 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 15, 17, 18, 20, 21, 29, 34, 41 e 42.)

- “Hábitos e valores” sobre a tendência que o indivíduo possui de manter-se arraigado aos seus próprios hábitos, às suas tradições e aos seus valores, por exemplo, “Não gosto de situações que me causem surpresa” e “Faço o possível para manter velhos hábitos”, (inclui os itens 8, 10, 12, 13, 14, 16, 19, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33 e 35).

- “Fantasia” sobre a tendência que um indivíduo tem de conceber ideias ou fomentar pensamentos pouco convencionais e que requerem uma maior capacidade criativa, por exemplo, “Tenho tendência a ficar divagando sobre inúmeros assuntos” e “Gosto de pensar sobre temas que parecem não despertar o interesse da maioria das pessoas”, (inclui os itens 1, 9, 24, 31, 36, 37, 38, 39 e 40).

A numeração de cada item pode ser consultada no Anexo B. Os itens foram avaliados a partir de uma escala Likert de sete pontos, a qual indica o nível de identificação das pessoas com características descritas nos mesmos.

5.4 Procedimentos de coleta de dados

Para a realização desta pesquisa, inicialmente entrou-se em contato com a direção das escolas para expor os objetivos da pesquisa e solicitação da autorização (Apêndice A) para a realização do estudo. Nesse momento também foi negociado com as escolas a possibilidade de realizar a aplicação dos instrumentos no horário e sala de aula dos participantes.

Posteriormente a essas etapas, iniciou-se o contato com os participantes, envolvidos no critério estipulado para a inclusão na pesquisa e foram convidados a participar agendando data, hora e local para a coleta de dados. Foi realizado o teste-piloto com 15 adolescentes escolhidos aleatoriamente em uma das escolas pesquisadas, em uma sala disponibilizada pela instituição, no horário de aula. O objetivo do teste-piloto foi estabelecer a análise semântica, tendo em vista que um dos instrumentos foi traduzido da língua francesa do Canadá. As coletas de dados foram realizadas nas salas de aula, onde foram aplicados todos os instrumentos, de forma coletiva e no mesmo dia. No mesmo dia da coleta foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B), para que este fosse assinado pelos seus pais ou responsáveis, indicando sua autorização e foram recolhidos posteriormente.

5.5 Análise de dados

O procedimento estatístico de análise dos dados foi viabilizado pelo uso do *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*). Inicialmente serão descritos os procedimentos de preparação do banco de dados para, em seguida, expor os procedimentos de análises estatísticas descritivas e inferenciais.

5.5.1 Preparação do banco de dados

Dentre os procedimentos necessários para a preparação dos dados para a realização das análises, estão: (1) limpeza do banco de

dados; (2) a identificação e manuseio dos dados faltantes (*missing data*) e de *outliers*; e, (3) a verificação dos pré-requisitos de normalidade.

5.5.1.1. Limpeza dos dados

A limpeza do banco de dados: tem o objetivo de verificar se havia erros de digitação, para isso, foi realizada uma análise descritiva com solicitação de valores mínimos e máximos que ajudou a identificar os valores inferiores ou superiores aos da escala original. Nesta etapa foram encontrados dois erros de digitação, para tanto foram consultados os questionários e corrigidos pelos valores verdadeiros.

5.5.1.2. Identificação e manuseio dos dados faltantes (*missing data*) e de casos extremos (*outliers*)

No processo de coleta de dados da pesquisa, a preocupação em relação aos dados faltantes esteve presente desde o planejamento do processo de coleta de dados. Para minimizar a ocorrência de dados faltantes, o preenchimento do questionário coletivamente, foi seguido de conferência minuciosa por parte dos pesquisadores ou de seus assistentes, logo após o participante entregar o material, para que eventuais problemas de preenchimento fossem solucionados pronta e eficientemente. Por essa razão, mesmo tomando as precauções de conferências das respostas, é possível que os dados faltantes passem despercebidos pelo pesquisador durante o procedimento de coleta.

Ainda que tenham sido tomadas essas precauções para minimizar a ocorrência de dados faltantes no banco de dados, alguns casos não puderam ser evitados. Para esses casos faltantes, foi realizado o seguinte procedimento: verificar se o número de dados faltantes foi superior a 5% da amostra, quando não atingia 5% da amostra, o *missing* foi substituído pela média daquele item. Quando o número de *missing* foi maior a 5% o sujeito foi deletado (*listwise*).

Os *outliers*, são aqueles dados que se mostram substancialmente diferentes das demais observações presente no conjunto de dados. A presença de *outliers*, neste caso, apresenta-se como uma violação dos pré-requisitos na normalidade.

Dois procedimentos foram empregados para identificar os *outliers*: primeiramente os escores foram padronizados em Z-escores e foi feita a inspeção da distribuição de frequências dos valores z. Os valores que se

encontravam acima de 3,29 e abaixo de -3,29 (Tabachnik & Fidell, 2001) foram identificados e a análise de sua influência na distribuição normal dos dados foi feita através da análise dos índices de curtose e assimetria. Adicionalmente, foi feita a inspeção gráfica por meio da caixa de bigodes (*Box-plot*) como medida de localização dos *outliers*.

5.5.1.3. Verificação dos pré-requisitos de normalidade

Foi efetuado o teste de normalidade da amostra, utilizando-se o critério mais conservador de distribuição normal (assimetria e curtose dos dados entre -1 e +1). Os valores da assimetria e curtose das variáveis situaram-se num intervalo de distribuição normal, exceto na variável *Hábitos e valores* (curtose 1,11) conforme mostra a Tabela 2. Contudo, esse valor não ultrapassa o intervalo de -2 e + 2 e, portanto, não houve séria violação da normalidade para essa variável e pode se considerar que todos os valores obtidos estão dentro do esperado para aceitar a normalidade da distribuição da amostra. Diante disso, deu-se seguimento às análises estatísticas.

Tabela 2 - Valores de assimetria e curtose por variável

| Instrumentos | Variáveis | Curtose | | Curtose | |
|--------------|----------------------------|-------------|------|-------------|------|
| | | Estatística | DP | Estatística | DP |
| QOM-A | Estimulação à exploração | -0,14 | 0,15 | -0,66 | 0,29 |
| | Estimulação à competição | 0,02 | 0,15 | -0,85 | 0,29 |
| | Estimulação ao risco | -0,29 | 0,15 | -0,43 | 0,29 |
| | Estimulação à perseverança | -0,86 | 0,15 | 0,16 | 0,29 |
| | Punição | 0,42 | 0,15 | -0,57 | 0,29 |
| EFA | Atitudes | -0,55 | 0,15 | 0,64 | 0,29 |
| | Hábitos e valores | 0,66 | 0,15 | 1,11 | 0,29 |
| | Fantasia | -0,25 | 0,15 | -0,02 | 0,29 |

5.5.2. Análise estatística descritiva e inferencial

A análise descritiva diz respeito ao processo que envolve a coleta, tabulação, preparação, apresentação, análise, representação gráfica e descrição dos dados. Esta análise foi utilizada para caracterização das variáveis e referem-se a frequências, médias, desvio padrão e porcentagens.

A análise inferencial é o procedimento que possibilita inferir características de uma dada população com base nos casos observados em uma amostra de indivíduos. Foi utilizado o teste t (Student) para investigar se existiam diferenças significativas, em termos de médias de escores, em grupos. Há dois tipos de testes t: o independente e o pareado. Neste estudo foi utilizado o teste t independente, para investigar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de adolescentes do sexo masculino (Grupo 1) e feminino (Grupo 2). O teste t pareado foi utilizado para comparar as médias das dimensões do QOM-A e dos fatores do EFA. Adicionalmente, sempre que indicado, empregou-se na análise de comparação de grupos a medida de tamanho do efeito, isto é, medida que fornece o grau ou a força da diferença.

Também foi realizada a correlação de Pearson, que é um procedimento estatístico bivariado que permite identificar quando duas variáveis ou fatores estão correlacionados ou variam juntos, de forma sistemática. Seus índices podem variar de -1,00 e +1,00, em que o número indica a força dessa relação, enquanto o sinal indica a direção da relação entre as duas variáveis ou fatores (conjunto de variáveis). O coeficiente de correlação empregado neste estudo foi o r de Pearson, em função dos dados terem sido considerados paramétricos, e foi adotado um nível de significância de 0,05 ou menor.

Vale destacar que antes de fazer as análises inferenciais foi realizada a inversão de dois itens do QOM-A, pois o sentido conceitual dos itens se encontravam opostos aos dos restantes. O mesmo aconteceu com o fator *Hábitos e valores*, uma vez que cada um dos itens descrevia a tendência do indivíduo manter-se arraigado aos seus próprios hábitos e valores, sentido totalmente contraditório aos outros dois fatores.

5.6 Aspectos éticos

Atendendo à resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, o projeto mais amplo, no qual essa pesquisa se insere, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) e aprovado sob o número de protocolo 447.932. O Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia de 08/2005 discorre sobre a realização de pesquisas com seres humanos e ressalta a importância da proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes.

Para tanto, os participantes foram informados, antes do início da coleta de dados, no momento da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sobre a garantia de anonimato, a participação voluntária, assim como lhes foi garantido o anonimato e que poderiam retirar-se da pesquisa a qualquer momento, sem que houvesse nenhuma consequência punitiva. Foram assinadas duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Uma via do Termo de Consentimento, contendo estas informações e os dados para contato com os pesquisadores, ficou de posse do participante para garantir a liberdade de participação, e a outra via ficou de posse da pesquisadora.

No que diz respeito à coleta de dados, caso os participantes sentissem algum desconforto, tendo em vista que os instrumentos abordavam questões acerca de suas vivências, sentimentos e percepções sobre o envolvimento paterno, a pesquisadora com formação em psicologia, foi orientada a oferecer suporte emocional e, se fosse necessário, os participantes poderiam ser encaminhados para o Serviço de Atenção Psicológica da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC) quando houvesse comum acordo com o participante. No entanto, nenhum dos participantes manifestou desconforto durante as aplicações.

Todas as partes envolvidas no processo, isto é, instituição escolar, adolescentes e pais, foram comunicados que após o desfecho da pesquisa, haverá uma devolução dos resultados da pesquisa. Às instituições escolares também será oferecida uma oficina, junto a educadores, pais e demais interessados para trabalhar temáticas tangentes às Práticas Parentais e Desenvolvimento do Adolescente.

6. RESULTADOS

6.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes

Participaram deste estudo 274 adolescentes, sendo 148 do sexo masculino e 126 do sexo feminino, provenientes de duas escolas do estado de Santa Catarina. Da amostra geral, 55,8 % (153) eram da escola A e 44,2% (121) eram da escola B. Todos os participantes estudavam no ensino médio: 41,6% (114) frequentavam o primeiro ano, 30,35% (83) o segundo ano e 28,1% (77) o terceiro ano.

Os adolescentes apresentaram uma média de idade de 15,76 anos (DP=1,10), sendo a mínima de 14 e máxima de 18 anos. Por meio de análise estatística (teste t) constatou-se que não houve diferença significativa entre as idades dos adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino ($t(272) = 0,10$; $p > 0,01$).

Na Tabela 3 são apresentadas informações quanto à composição familiar dos participantes. A maioria das famílias era nuclear (68,6%), sendo ambos pais biológicos do adolescente. O segundo tipo mais prevalente foi a família monoparental com a mãe (15,7%). Destacam-se também sete famílias (2,6%) em que os responsáveis dos adolescentes eram outros parentes e não os pais biológicos (avós, padrinhos ou irmãos maiores). Ainda foi possível observar um caso (0,4%) em que o adolescente morava sozinho.

Tabela 3- Composição Familiar

| Tipo de família | % (n) |
|-------------------------------------|------------|
| Família nuclear | 68,6 (188) |
| Família monoparental com a mãe | 15,7 (43) |
| Família monoparental com o pai | 3,6 (10) |
| Família estendida com ambos os pais | 3,6 (10) |
| Família estendida com a mãe | 2,6 (7) |
| Outros familiares como responsáveis | 2,6 (7) |
| Família recasada com mãe e padrasto | 2,2 (6) |
| Família recasada com pai e madrasta | 0,7 (2) |
| Adolescente mora sem familiares | 0,4 (1) |

Sobre o número de pessoas que residem com o adolescente, obteve-se uma média de 3,68 (DP=1,0) por família. A maioria das famílias é composta por quatro pessoas (45,3%), seguidas das famílias de três pessoas (32,1%). Na maioria das famílias pesquisadas, 51,5% (141) têm dois filhos (incluindo o adolescente pesquisado), seguido por 32,1% (88) em que o adolescente é filho único.

Tendo em vista que a pesquisa se caracteriza por ser retrospectiva, pois objetiva investigar a abertura ao mundo dos pais durante a infância dos participantes (quando os participantes tinham até 10 anos de idade), foi investigada a frequência do contato que participantes tinham com seus pais nessa faixa etária. Do total da amostra, 240 (87,2%) participantes moravam com o pai até os 10 anos de idade e 34 (12,47%) adolescentes não moravam com o pai na infância, mas 21 (7,7%) viam o pai pelo menos uma vez por semana e 13 (4,7%) viam o pai pelo menos uma vez por mês.

A seguir serão apresentados os resultados obtidos por meio do Questionário de Abertura ao mundo- Adolescentes.

6.2 Caracterização da função paterna abertura ao mundo dos adolescentes

Para caracterizar a função paterna “abertura ao mundo” foram realizados os seguintes procedimentos: cálculo das médias obtidas por meio do QOM-A a partir de suas dimensões e do escore geral; comparação das dimensões por pares; relações entre as dimensões e; análises a partir dos itens do instrumento.

O Questionário de Abertura ao Mundo-Adolescentes utiliza uma escala de 1 a 6, sendo que a média geral do QOM-A foi de 3,89 (DP= 0,64). Ao analisar a escala em suas dimensões, verificou-se que *Estimulação à perseverança* obteve média de 4,34 (DP=1,0), sendo a média de *Estimulação ao risco* 4,1 (DP=0,96), a *Estimulação à exploração* alcançou a média de 3,86 (DP=1,0), já a *Estimulação à competição* resultou numa média de 3,54 (DP=1,2) e a média de *Punição* foi 3,1 (DP=1,36).

Dessa forma, dentre as dimensões, os adolescentes apresentaram escores mais elevados em *Estimulação à perseverança* (mais alto que o escore geral), que se caracteriza por incentivar a criança a ter sucesso em situações difíceis e perseverar frente à adversidade. Já a dimensão que obteve menor escore foi *Punição*, que se refere ao ato de reprimir o comportamento da criança quando ela desobedece ou se comporta mal.

O teste t pareado foi utilizado para comparar as médias das dimensões par a par, este revelou diferenças estatisticamente significativas entre todos os pares de dimensões como pode ser observado na Tabela 4. Destacam-se os pares de *dimensões Estimulação à perseverança* com *Punição* ($t=10,97$; $p<0,001$) e *Estimulação ao risco* com *Punição* ($t=9,73$; $p<0,001$).

Tabela 4- Comparação de médias das dimensões do QOM-A através de teste t pareado de Student

| Pares de dimensões | Diferença entre as médias | DP | t |
|---|---------------------------|------|---------|
| Estimulação à perseverança – Punição | 1,21 | 1,83 | 10,97** |
| Estimulação ao risco – Punição | 1,03 | 1,76 | 9,73** |
| Estimulação à exploração – Punição | 0,73 | 1,84 | 6,57** |
| Estimulação à exploração - Estimulação à competição | 0,33 | 1,34 | 4,04** |
| Estimulação à competição – Punição | 0,41 | 1,77 | 3,80** |
| Estimulação ao risco - Estimulação à perseverança | 0,18 | 1,44 | 2,07* |
| Estimulação à exploração - Estimulação ao risco | 0,3 | 1,22 | 4,07** |
| Estimulação à competição - Estimulação ao risco | 0,63 | 1,51 | 6,86** |
| Estimulação à exploração - Estimulação à perseverança | 0,48 | 0,81 | 9,80** |
| Estimulação à competição - Estimulação à perseverança | 0,81 | 1,31 | 10,22** |

** $p < 0,01$ e * $p < 0,05$

Para verificar o relacionamento entre as dimensões do QOM-A, bem como com o escore geral do instrumento realizou-se o cálculo do coeficiente de correlação de Pearson como mostra na Tabela 5. Nota-se que o escore geral do QOM-A correlacionou-se positivamente com todas as dimensões e foram observadas correlações fortes com as dimensões *Estimulação à exploração* ($r=0,80$; $p<0,01$) e *Estimulação à perseverança* ($r=0,74$; $p<0,01$), apontando que quanto mais os pais estimulavam os filhos a explorar o meio e a perseverar diante da adversidade, mais aumentava o grau de intensidade do escore geral.

Correlações moderadas com as dimensões *Estimulação à competição* ($r=0,59$; $p<0,01$) e *Estimulação ao risco* ($r=0,47$; $p<0,01$), o que indica que o comportamento do pai de ter estimulado seus filhos a enfrentar situações de risco, bem como a competir, também aumentava a média do escore geral, porém de modo moderado. Já com a dimensão *Punição* a correlação foi fraca ($r=0,14$; $p<0,05$), o que sugere que o comportamento de punir os filhos quando eles se comportavam de maneira inadequada aumentava, mas em menor intensidade que os demais.

Tabela 5- Correlações entre as dimensões do QOM-A

| | Est. à exploração | Est. à competição | Est. ao risco | Est. à perseverança | Punição |
|------------------------|----------------------|----------------------|------------------|------------------------|---------|
| Est. à exploração | - | | | | |
| Est. à competição | 0,30** | - | | | |
| Est. ao risco | 0,25** | 0,05 | - | | |
| Est. à perseverança | 0,71** | 0,35** | 0,03 | - | |
| Punição | -0,15** | 0,06 | -0,11 | -0,09 | - |
| Escore geral | 0,80** | 0,59** | 0,47** | 0,74** | 0,14* |

** $p<0,01$ e * $p<0,05$

Ao relacionar as dimensões encontraram-se quatro correlações positivas e uma negativa. A correlação foi positiva e forte entre *Estimulação à perseverança* e *Estimulação à exploração* ($r=0,71$; $p<0,01$), indicando que quanto mais o pai estimulava a explorar o ambiente, mais estimulava a perseverar na mesma intensidade. A dimensão *Estimulação à competição* se correlacionou positivamente e moderadamente com a dimensão *Estimulação à perseverança* ($r=0,35$; $p<0,01$) e com *Estimulação à exploração* ($r=0,30$; $p<0,01$), o que aponta que à medida que o pai estimulava as crianças a competir, também ele as estimulava perseverar e a explorar o ambiente. A dimensão

Estimulação à exploração apresentou correlação fraca e: positiva com *Estimulação ao risco* ($r=0,25$; $p<0,01$) indicando que quanto mais os pais estimulavam a explorar o ambiente, mais eles estimulavam a enfrentar situações de risco, porém, em menor intensidade que as demais; negativa com *Punição* ($r=-0,15$; $p<0,01$) sugerindo que quanto mais os pais estimulavam as crianças a explorar o ambiente, menos eles reprimiam pelo mau comportamento.

Em uma análise por itens do instrumento, constata-se que os itens com médias altas foram: *Meu pai me encorajava a não desistir diante de situações difíceis como: deveres escolares, esportes, concursos* ($M= 4,85$; $DP= 1,36$) e *Meu pai me encorajava a tentar de novo, quando eu não estava conseguindo realizar uma tarefa* ($M= 4,79$; $DP= 1,38$). Esses dois itens fazem parte da dimensão *Estimulação à perseverança*, que foi a que apresentou maior média entre as dimensões.

Os itens com médias mais baixas foram: *Meu pai me reprímia (pode ser ameaça, castigo ou punição) em momentos de raiva* ($M=2,44$; $DP= 1,42$), que pertence à dimensão *Punição* (apresentou a menor média entre as dimensões) e *Meu pai me encorajava a ser competitivo* ($M= 2,96$; $DP= 1,57$) da dimensão *Estimulação à competição*, que foi a penúltima colocada entre os valores das médias.

A análise dos dados obtidos pelo QOM-A permitiu descrever como os adolescentes lembram-se dos comportamentos que os pais exerciam quando eles tinham até 10 anos de idade. A maioria dos participantes percebe que o pai os estimulava a perseverar diante das dificuldades, bem como os encorajava a enfrentar riscos, porém, emitia poucos comportamentos de repreensão do mau comportamento ou desobediência.

6.3 Comparação entre a função paterna abertura ao mundo dos adolescentes do sexo masculino e feminino

Foram comparadas as médias da função paterna abertura ao mundo entre os adolescentes do sexo feminino e masculino e verificou-se que os pais estimulam mais os adolescentes do sexo masculino a se abrirem ao mundo ($M=3,96$; $DP=0,62$) do que as do sexo feminino ($M=3,83$; $DP=0,65$), entretanto essa diferença não é estatisticamente significativa ($t= 1,65$; $p> 0,05$). Já quando comparadas as dimensões do instrumento em função do sexo dos adolescentes (através do teste t) podem ser observadas diferenças estatisticamente significativas nas dimensões *Estimulação à exploração* ($t=2,08$; $p<0,05$), *Estimulação à*

competição ($t=2,16$; $p<0,05$) e *Estimulação o risco* ($t=3,72$; $p<0,01$), como apresentado na Tabela 6.

Tabela 6- Comparação de médias das dimensões do QOM-A de acordo com o sexo dos adolescentes

| Sexo | Est. à exploração | Est. à competição | Est. ao risco | Est. à perseverança | Punição |
|-----------|-------------------|-------------------|---------------|---------------------|---------|
| Masculino | 3,73 | 3,71 | 4,4 | 4,36 | 3,26 |
| Feminino | 3,99 | 3,4 | 3,97 | 4,34 | 3,03 |
| T | 2,08* | 2,16* | 3,72** | 0,16 | 1,42 |

** $p<0,01$ e * $p<0,05$

Percebe-se que os pais estimulam mais os adolescentes do sexo masculino a enfrentarem situações que possuem risco e a competir do que os do sexo feminino. A situação se inverte na dimensão *Estimulação à exploração*, em que os pais estimularam mais as adolescentes do sexo feminino do que os do sexo masculino. Ainda é possível comparar a ordem das médias das dimensões da função paterna abertura ao mundo de acordo com o sexo dos adolescentes, como pode ser observado na Tabela 7.

Tabela 7- Comparação entre a ordem das dimensões do QOM-A de acordo com o sexo dos adolescentes

| Masculino | Média | Feminino | Média |
|----------------------------|-------|----------------------------|-------|
| Estimulação ao risco | 4,4 | Estimulação à perseverança | 4,34 |
| Estimulação à perseverança | 4,36 | Estimulação à exploração | 3,99 |
| Estimulação à exploração | 3,73 | Estimulação ao risco | 3,97 |
| Estimulação à competição | 3,71 | Estimulação à competição | 3,4 |
| Punição | 3,26 | Punição | 3,03 |

É possível constatar que os adolescentes do sexo masculino apresentam escores mais elevados do que as do sexo feminino em todas

as dimensões do instrumento, exceto em *Estimulação à Exploração*, que aparece em segundo lugar no caso das adolescentes do sexo feminino e em terceiro lugar para os do sexo masculino. A *Estimulação ao risco* aparece em primeiro lugar para os adolescentes do sexo masculino e em terceiro lugar para as do sexo feminino. Já a dimensão *Estimulação à perseverança* aparece em primeiro lugar para as adolescentes do sexo feminino e em segundo lugar para os do sexo masculino. Na dimensão *Estimulação à competição*, embora os adolescentes do sexo masculino pontuem mais do que as do sexo feminino, aparece em quarto lugar para ambos. A *Punição* aparece em último lugar para ambos os sexos.

Ainda foram comparados os itens do instrumento em termos de dimensões dos adolescentes do sexo masculino e feminino. Na dimensão *Estimulação à exploração*, as adolescentes do sexo feminino apresentam escores mais elevados em cinco dos seis itens que compõem a dimensão. O item que obteve maior média tanto para as adolescentes do sexo feminino (M=4,73) como para os do sexo masculino (M=4,34) foi *Meu pai passeava comigo*. A menor média para as adolescentes do sexo feminino foi no item *Meu pai tinha o hábito de falar comigo utilizando palavras novas* (M=3,3) e para os adolescentes do sexo masculino foi *Meu pai me encorajava a inventar brincadeiras novas* (M=2,85).

Em *Estimulação à competição*, os adolescentes do sexo masculino apresentam escores mais elevados em três dos quatro itens, sendo que o que obteve maior média foi o item *Meu pai me estimulava a competir nos esportes* (M=4,25). Para as adolescentes do sexo feminino o item que obteve maior média foi *Meu pai me encorajava a ganhar quando eu jogava com o(s) meu(s) amigo(s)* (M=3,71). O item que obteve menor média tanto para as adolescentes do sexo masculino (M=3,37) como para as do sexo feminino (M=2,61) foi *Meu pai me encorajava a ser competitivo*.

Em *Estimulação ao risco*, os adolescentes do sexo masculino apresentam escores mais elevados em cinco dos seis itens. O item que obteve maior média para os adolescentes do sexo masculino foi *Meu pai permitia que eu dormisse na casa de amigos* (M=4,47) e para as do sexo feminino foi *Meu pai me deixava-fazer as coisas do meu jeito (escolher meus amigos, guardar os meus brinquedos, desembulhar um presente, brincar)* (M=4,45). O item que obteve menor média tanto para os adolescentes do sexo masculino (M=4,02) como para as do sexo feminino (M=3,45) foi *Eu podia brincar fora do campo de visão do meu pai*.

Em *Estimulação à perseverança*, os adolescentes do sexo masculino (M=4,82) e do sexo feminino (M=4,87) apresentam escores mais altos no item *Meu pai me encorajava a não desistir diante de situações difíceis como: deveres escolares, esportes, concursos*. E no item *Meu pai estabelecia limites e regras antes da brincadeira começar* os adolescentes do sexo masculino (M=3,5) e do sexo feminino (M=2,35) apresentaram escores mais baixos.

Na *Punição*, os adolescentes do sexo masculino (M=3,67) e do sexo feminino (M=3,37) apresentam médias mais altas no item *Meu pai me reprimia (pode ser ameaça, castigo ou punição) quando eu me comportava mal*. E no item *Meu pai me reprimia (pode ser ameaça, castigo ou punição) em momentos de raiva* os adolescentes do sexo masculino (M= 2,55) e do sexo feminino (M=2,35) apresentaram médias mais baixas.

6.4 Caracterização da dimensão abertura à experiência dos adolescentes

A abertura à experiência é uma das cinco dimensões da personalidade, de acordo com o modelo dos Cinco Grandes Fatores (Pervin & John, 2004), caracterizada como uma série de comportamentos exploratórios e reconhecimento da importância de ter novas experiências. Para caracterizar a abertura à experiência foi realizado o cálculo das médias obtidas por meio da Escala de abertura a experiência (EFA) a partir de seus fatores (Atitudes, Hábitos e valores e Fantasia) e do escore geral; comparação dos fatores por pares; relações entre os fatores e; análise a partir dos itens da escala.

A média geral do EFA foi de 4,44 (DP= 0,47). Ao analisar a escala em seus fatores, verificou-se que *Atitudes* obteve média de 5,34 (DP=0,70). *Fantasia* alcançou a média de 4,21 (DP=0,81), já o fator *Hábitos e valores* resultou numa média de 3,72 (DP=0,67). Dessa forma, dentre os fatores, os adolescentes apresentaram escores mais elevados em *Atitudes* (mais alto que o escore geral), que expressa um envolvimento ativo com situações que possibilitem mudanças ou que envolvam novidades. E o fator que obteve menor escore foi *Hábitos e valores*, que se trata da tendência que o indivíduo possui de manter-se arraigado aos seus próprios hábitos, às suas tradições e aos seus valores.

Vale destacar que para a apuração dos resultados todos os escores dos itens deste fator foram invertidos.

O teste t pareado foi utilizado para comparar as médias dos fatores par a par, que revelou diferenças estatisticamente significativas entre todos os pares de dimensões: *Atitudes* com *Hábitos e valores* ($t=29,27$; $p<0,001$), *Atitudes* com *Fantasia* ($t=19,53$; $p<0,001$) e *Hábitos e valores* com *Fantasia* ($t=7,91$; $p<0,001$). Para verificar o relacionamento entre os fatores do EFA, bem como com o escore geral da escala realizou-se o cálculo do coeficiente de correlação de Pearson como mostra na Tabela 8.

Tabela 8- Correlações entre os fatores do EFA

| | Atitudes | Hábitos e valores | Fantasia |
|-------------------|----------|-------------------|----------|
| Atitudes | - | | |
| Hábitos e valores | 0,12* | - | |
| Fantasia | 0,21** | 0,08 | - |
| Escore geral | 0,72** | 0,67** | 0,54** |

** $p<0,01$ e * $p<0,05$

Nota-se que o escore geral do EFA correlacionou-se positivamente com os três fatores. Apresentou correlação forte com o fator *Atitudes* ($r=0,72$; $p<0,01$), apontando que quanto mais os adolescentes se envolviam em situações que possibilitariam mudanças e novidades, mais aumentava o grau de intensidade do escore geral. E correlações moderadas com os fatores *Hábitos e valores* ($r=0,67$; $p<0,01$) e *Fantasia* ($r=0,54$; $p<0,01$), o que indica que o comportamento dos adolescentes de se manter arraigado aos seus próprios hábitos e valores, bem como a conceber ideais pouco convencionais, também aumenta a média do escore geral, porém de modo moderado. Ao relacionar os fatores encontraram-se duas correlações positivas e fracas entre *Atitudes* e os fatores *Fantasia* ($r=0,21$; $p<0,01$) e *Hábitos e valores* ($r=0,12$; $p<0,05$), indicando que quanto mais os adolescentes fantasiavam e têm ideias pouco convencionais, mais eles se envolvem em situações novas. E quanto mais eles se mantêm ligados aos seus hábitos e valores, mais se envolvem em situações que possibilitam mudanças, porém, em menor intensidade que as demais.

Em uma análise por itens da escala, constata-se que os itens com médias altas foram: *Gosto de conhecer culturas diferentes da minha* (M= 5,84; DP= 1,39) e *Gosto de estar sempre aprendendo coisas novas* (M= 5,84; DP= 1,19) ambos os itens fazem parte do fator *Atitudes*, que foi a que apresentou maior média entre os fatores. Os itens com médias mais baixas foram: *Já deixei de fazer coisas com medo de ficar arrependido* (M=2,75; DP= 1,74), e *Quando vou agir de acordo com a sugestão de alguém, gosto que outras pessoas também confirmem a validade dessa sugestão* (M= 2,76; DP= 1,24) que pertencem ao fator *Hábitos e valores* (apresentou a menor média entre os fatores).

A análise dos dados obtidos pelo EFA permitiu descrever como os adolescentes avaliam sua própria abertura à experiência. A maioria dos participantes se percebe como sendo imaginativos e apresentam uma elevada sensibilidade para a curiosidade intelectual, e do mesmo modo são menos arraigados aos seus próprios hábitos e valores, tendo em vista que estão abertos a experimentar mudanças.

6.5 Comparação entre a dimensão abertura à experiência dos adolescentes do sexo masculino e feminino

Foram comparadas as médias da dimensão abertura à experiência entre os adolescentes do sexo feminino e masculino e verificou-se que as adolescentes do sexo feminino apresentam escores mais elevados (M=4,52; DP=0,46) do que os do sexo masculino (M=4,35; DP=0,46), e essa diferença é estatisticamente significativa ($t=3,01$; $p<0,01$), como apresentado na Tabela 9.

Tabela 9- Comparação de médias dos fatores do EFA de acordo com o sexo dos adolescentes

| Sexo | Atitudes | Hábitos e valores | Fantasia | Escore geral |
|-----------|----------|-------------------|----------|--------------|
| Masculino | 5,14 | 3,67 | 4,23 | 4,35 |
| Feminino | 5,51 | 3,76 | 4,19 | 4,52 |
| t | 4,47* | 1,08 | 0,31 | 3,01* |

* p< 0,01

Ao comparar os fatores do instrumento em função do sexo dos adolescentes (através do teste t) pode se observada diferença estatisticamente significativa no fator *Atitudes* ($t=4,47$; $p<0,01$), indicando que as adolescentes do sexo feminino apresentam mais comportamentos de experimentar situações novas do que os do sexo masculino. Ainda é possível comparar a ordem das médias dos fatores de acordo com o sexo dos adolescentes, como pode ser observado na Tabela 10. Constata-se que os adolescentes de ambos os sexos apresentaram a mesma ordem em seus fatores. O fator *Atitudes* aparece e primeiro lugar e pontua mais para o sexo feminino, no fator *Fantasia*, a situação se inverte pontuando mais para o sexo masculino. *Hábitos e valores* aparece em último lugar para ambos os sexos e pontua mais para o sexo feminino.

Tabela 10- Comparação entre a ordem dos fatores do EFA de acordo com o sexo dos adolescentes

| Fatores | Masculino | Feminino |
|-------------------|-----------|----------|
| Atitudes | 5,14 | 5,51 |
| Fantasia | 4,23 | 4,19 |
| Hábitos e valores | 3,67 | 3,76 |

Ainda foram comparados os itens do instrumento em termos de fatores dos adolescentes do sexo masculino e feminino. No fator *Atitudes* as meninas apresentaram escores mais elevados em 14 dos 16 itens que fazem parte do fator. O item que obteve maior média para os adolescentes do sexo feminino foi *Gosto de estar sempre aprendendo coisas novas* ($M= 6,02$) e para os adolescentes do sexo masculino foi

Gosto de estar a par dos avanços tecnológicos que poderão tornar-se úteis no meu dia-a-dia (M=5,75). O item que obteve menor média tanto para as adolescentes do sexo masculino (M=3,40) como para as do sexo feminino (M=4,0) foi *Sempre que posso, mudo os trajetos nos meus percursos diários*.

No fator *Hábitos e valores* as adolescentes do sexo feminino apresentaram escores mais elevados em dez dos dezessete itens. O que obteve maior média foi o item *Não gosto de situações que me causem surpresa* (M=5,04). Para os adolescentes do sexo masculino o item que obteve maior média foi *Procuro seguir as regras e convenções sociais sem questioná-las*. (M=4,63). A menor média para as adolescentes do sexo feminino foi no item *Já deixei de fazer coisas com medo de ficar arrependido* (M=2,69) e para os adolescentes do sexo masculino foi *Quando vou agir de acordo com a sugestão de alguém, gosto que outras pessoas também confirmem a validade dessa sugestão*. (M=2,67).

Em *Fantasia*, os adolescentes do sexo feminino (M=4,99) e do sexo masculino (M= 5,25) apresentam escores mais altos no item *Gosto de pensar em fatos que dificilmente ocorreriam na vida real*. E no item *Meus amigos acham que eu deveria ser mais realista* os adolescentes do sexo feminino (M=3,20) e do sexo masculino (M=3,0) apresentaram escores mais baixos.

6.6 Relações entre a função paterna abertura ao mundo e a dimensão abertura à experiência

Através do teste de correlação de Pearson, constatou-se que houve cinco correlações positivas significativas entre os instrumentos QOM-A e EFA. Na Tabela 10 estão representados os índices de significância.

Tabela 11- Correlações entre dimensões do QOM-A e os fatores do EFA

| Amostra geral | Atitudes | Hábitos e valores | Fantasia | Escore geral do EFA |
|----------------------------|----------|-------------------|----------|---------------------|
| Estimulação à exploração | 0,28** | 0,01 | 0,1 | 0,20** |
| Estimulação à competição | 0,1 | -0,03 | -0,05 | 0,02 |
| Estimulação ao risco | 0,01 | 0,11 | 0,11 | 0,11 |
| Estimulação à perseverança | 0,13* | -0,06 | -0,01 | 0,04 |
| Punição | 0,04 | 0,06 | 0,03 | 0,07 |
| Escore geral do QOM-A | 0,21** | 0,03 | 0,07 | 0,16** |

** $p < 0,01$ e * $p < 0,05$

Constatam-se correlações positivas significativas entre o escore geral do QOM-A e o escore geral do EFA ($r=0,16$; $p<0,01$) e o fator *Atitudes* do EFA ($r=0,21$; $p<0,01$), indicando que quanto mais os pais os abriram ao mundo em sua infância, na atualidade estão mais abertos a experimentar situações novas e se envolvem mais com situações que possibilitem mudanças. Também foram verificadas correlações entre a dimensão *Estimulação à exploração* do QOM-A e o escore geral do EFA ($r=0,20$; $p<0,01$), bem como com o fator *Atitudes* do EFA ($r=0,28$; $p<0,01$), o que indica que quanto mais os pais estimulavam os filhos a explorar o meio externo, os adolescentes estão mais abertos a experimentar situações novas e também se envolvem mais com situações que possibilitem mudanças. Houve correlação entre a dimensão do QOM-A *Estimulação à perseverança* e o fator do EFA *Atitudes*, o que demonstra que quanto mais os pais estimulavam seus filhos a perseverar diante da adversidade, mais os adolescentes se engajam em situações que provoquem mudanças. Vale destacar que, embora as correlações sejam significativas, elas são fracas, o que significa que se manifestam com menor intensidade.

Quando as correlações foram analisadas em função do sexo dos adolescentes (Tabela 11), no sexo masculino foram verificadas as mesmas correlações que para ambos os sexos, exceto entre o Escore

geral do QOM-A e o Escore geral do EFA em que não houve correlação estatisticamente significativa. Porém foi verificada também a correlação entre a dimensão do QOM-A *Estimulação ao risco* e o fator do EFA *Atitudes*, o que sugere que quanto mais os pais estimularam os filhos do sexo masculino na infância a enfrentar situações em que existia risco, na atualidade os adolescentes se envolvem mais em situações que envolvem mudanças.

Tabela 12- Correlações entre dimensões do QOM-A e os fatores do EFA referentes a adolescentes do sexo masculino

| Sexo masculino | Atitudes | Hábitos e valores | Fantasia | Escore geral do EFA |
|----------------------------|----------|-------------------|----------|---------------------|
| Estimulação à exploração | 0,34** | -0,04 | 0,17 | 0,23** |
| Estimulação à competição | 0,12 | -0,11 | -0,11 | -0,03 |
| Estimulação ao risco | 0,18* | 0,02 | 0,15 | 0,18 |
| Estimulação à perseverança | 0,15 | -0,12 | 0,01 | 0,02 |
| Punição | -0,11 | -0,05 | 0,01 | -0,08 |
| Escore geral do QOM-A | 0,26** | -0,1 | 0,1 | 0,13 |

** p< 0,01 e * p<0,05

A Tabela 13 apresenta as correlações especificamente referentes às adolescentes do sexo feminino.

Tabela 13- Correlações entre dimensões do QOM-A e os fatores do EFA referentes a adolescentes do sexo feminino

| Sexo feminino | Atitudes | Hábitos e valores | Fantasia | Escore geral do EFA |
|----------------------------|----------|-------------------|----------|---------------------|
| Estimulação à exploração | 0,19* | 0,03 | 0,05 | 0,14 |
| Estimulação à competição | 0,16* | 0,04 | -0,01 | 0,11 |
| Estimulação ao risco | -0,03 | 0,19* | 0,09 | 0,14 |
| Estimulação à perseverança | 0,14 | -0,01 | -0,03 | 0,06 |
| Punição | 0,24** | 0,16 | 0,04 | 0,24** |
| Escore geral do QOM-A | 0,23** | 0,13 | 0,05 | 0,22** |

** $p < 0,01$ e * $p < 0,05$

Houve correlação positiva e significativa entre o escore geral do QOM-A com o escore geral do EFA ($r=0,22$; $p < 0,01$) e o fator *Atitudes* do EFA ($r=0,23$; $p < 0,01$). A dimensão *Punição* do QOM-A também se correlacionou com e o escore geral do EFA ($r=0,24$; $p < 0,01$). Já as seguintes dimensões se correlacionaram com o fator *Atitudes*: *Estimulação à exploração* ($r=0,19$; $p < 0,05$), *Estimulação à competição* ($r=0,16$; $p < 0,015$) e *Punição* ($r=0,24$; $p < 0,01$). Todavia foi observada correlação entre a dimensão do QOM-A *Estimulação ao risco* e o fator do EFA *Hábitos e valores* ($r=0,19$; $p < 0,05$).

Portanto, no sexo feminino, quando os pais mais abriam ao mundo às meninas e as reprimiam por ter feito algo errado, hoje em dia elas estão mais abertas a experimentar situações novas. Quanto mais os pais as estimulavam a explorar o ambiente, a competir e reprendiam seu mau comportamento, mais elas se envolvem com situações que possibilitem mudanças. Por outro lado, quanto mais os pais as estimulavam a enfrentar situações que apresentassem risco, mais elas se mantêm arraigadas aos seus hábitos e valores. Estas correlações também foram estatisticamente significativas, mas foram fracas.

Na Tabela 14 apresenta-se uma síntese dos principais resultados e sua relação com os objetivos do trabalho. No próximo capítulo, os

resultados encontrados nessa pesquisa serão discutidos com base nos pressupostos da Teoria da Relação de Ativação, bem como estudos na área.

Tabela 14- Síntese dos resultados e sua relação com os objetivos

| Objetivo | Principais resultados |
|---|---|
| Descrever as variáveis sociodemográficas dos adolescentes | São 274 adolescentes, 148 do sexo masculino e 126 do sexo feminino. Média de idade 15,76, sendo mínima de 14 anos e máxima de 18 anos. 68,6% dos participantes constituía família nuclear com pais biológicos dos adolescentes. 45,3% das famílias eram compostas por quatro pessoas, incluindo o adolescente. |
| Caracterizar a função paterna de abertura ao mundo dos adolescentes | Escore geral do QOM-A foi de 3,89. As dimensões que apresentaram maiores escores foram Estimulação à perseverança (4,34) e Estimulação ao risco (4,1). Correlações entre escore geral e dimensões ↑ QOM-A } ↑ Estimulação à exploração ³ } ↑ Estimulação à perseverança ³ Correlações entre dimensões ↑ Estimulação à perseverança ↑ Estimulação à exploração ³ ↑ Est. à competição } ↑ Estimulação à perseverança ² } ↑ Estimulação à exploração ² |
| Comparar a percepção de adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino sobre a abertura ao mundo | Nos adolescentes do sexo masculino o escore geral do QOM-A foi de 3,96 e no sexo feminino foi de 3,83. Diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões do QOM-A de acordo com o sexo dos adolescentes: Maiores escores no sexo masculino Estimulação o risco (t=3,72; p<0,01) Estimulação à competição (t=2,16; p<0,05) Maior escore no sexo feminino Estimulação à exploração (t=2,08; p<0,05) |

| Objetivo | Principais resultados |
|---|--|
| | Escore geral do EFA foi de 4,44. O fator que obteve maior média foi Atitudes (5,34). |
| Caracterizar a dimensão de abertura à experiência dos adolescentes | <p>Correlações entre escore geral e dimensões ↑ EFA ↑ Atitudes³</p> <p>↑ EFA } ↑ Hábitos e valores² } ↑ Fantasia²</p> <p>Correlações entre dimensões ↑ Atitudes } ↑ Fantasia¹ } ↑ Hábitos e valores¹</p> |
| Comparar a percepção de adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino sobre a abertura à experiência | <p>Nos adolescentes do sexo masculino o escore geral do EFA foi de 4,35 e no sexo feminino foi de 4,52. Existe diferença estatisticamente significativa no escore geral do EFA ($t= 3,01$; $p<0,01$) e no fator Atitudes ($t=4,47$; $p<0,01$). Escores maiores nas adolescentes do sexo feminino.</p> |
| | <p>Correlações¹ de ambos os sexos ↑ QOM-A } ↑ EFA ↑ Estimulação à exploração } ↑ Atitudes</p> <p>↑ Estimulação à perseverança ↑ Atitudes</p> |
| Relacionar a função paterna abertura ao mundo com o fator dimensão de abertura à experiência dos adolescentes | <p>Correlações¹ de acordo com o sexo masculino ↑ QOM-A } ↑ Atitudes ↑ Estimulação ao risco } ↑ Atitudes</p> <p>↑ Estimulação à exploração } ↑ EFA } ↑ Atitudes</p> <p>Correlações¹ de acordo com o sexo feminino ↑ QOM-A } ↑ EFA ↑ Punição } ↑ Atitudes</p> <p>↑ Estimulação à exploração } ↑ Atitudes ↑ Estimulação à competição } ↑ Atitudes</p> <p>↑ Estimulação ao risco ↑ Hábitos e valores</p> |

¹ Correlação fraca. ² Correlação moderada. ³ Correlação forte.

7. DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo principal investigar as características da função paterna de abertura ao mundo e sua relação com a dimensão abertura à experiência dos adolescentes. A discussão será organizada de forma que responda aos objetivos geral e específicos do estudo.

7.1 Análise sobre aspectos sociodemográficos da amostra

Em relação à composição familiar, os dados da pesquisa apontam que a maioria dos participantes é proveniente de famílias nucleares (68,6%) e 15,7 % são de famílias monoparentais, residindo apenas com a mãe, enquanto somente 3,6% são de famílias constituídas apenas pelo pai.

Segundo o censo realizado pelo IBGE (2010) o percentual de famílias em que a mulher mora sem o cônjuge e com filhos tem aumentado de 11,6% para 12,2% entre 2000 e 2010 no país. Além disso, aumentaram as famílias chefiadas por mulheres (reconhecidas como responsáveis pela casa) que passou de 22,2% para 37,3%, entre 2000 e 2010.

De acordo com Leone, Maia e Baltar (2010), as diversas formas de adaptação frente às mudanças econômicas, aliadas a outros processos sociais, demográficos e culturais, afetaram o funcionamento e a estrutura das famílias. Desde meados da década de 1960, as famílias têm-se tornado cada vez mais complexas, distanciando-se de padrões tradicionais: aumentam as coabitações (em detrimento dos casamentos), as separações e as novas uniões. As mulheres retardam o nascimento do primeiro filho e espaçam mais os nascimentos dos filhos, reduzindo as taxas de fecundidade. O número de filhos por mulher em idade reprodutiva cai. A composição das configurações familiares se modifica, aumentando os casais sem filhos e as famílias monoparentais (principalmente as chefiadas por mulheres) e diminuindo o tipo de família mais tradicional – aquele constituído pelo casal e os filhos.

Sobre a quantidade de filhos por família, na maioria das famílias pesquisadas, 51,5%, têm dois filhos (incluindo o adolescente pesquisado), seguido por 32,1% em que o adolescente é filho único.

Estes dados vão ao encontro com os encontrados pelo IBGE (2010) que evidenciam uma queda na taxa de fecundidade (número médio de filhos que teria uma mulher ao final do seu período fértil) das mulheres. A taxa de fecundidade que era de 2,38 filhos por mulher em 2000 passou para 1,86 em 2010, uma queda de 21,9%, sendo que a menor taxa entre todas as regiões do país foi encontrada no Sudeste com 1,66 filho por mulher.

Entre os principais motivos da queda encontra-se a presença cada vez mais consolidada da mulher no mercado de trabalho, bem como o aumento do nível de escolarização. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2009 (IBGE, 2009) quanto mais alto o nível de instrução da mulher, mais tardio se torna o padrão etário da fecundidade. A pesquisa revela que mulheres com menos de sete anos de estudo têm filhos mais cedo - a maioria, entre 20 e 24 anos (37% do total). Por outro lado, entre as mulheres com mais de oito anos de estudo, as taxas de fertilidade são de 25% para aquelas entre 20 e 24 anos e de 24,8%, entre as de 25 a 29 anos. Dessa maneira, as mulheres com mais escolaridade são mães, em média, com 27,8 anos, enquanto aquelas que não terminaram o ensino fundamental têm filhos com 25,2 anos.

Atualmente o Brasil faz parte do grupo de países de América Latina com taxa de fecundidade relativamente baixa (menos de 2,4 filhos por mulher), juntamente com Uruguai, Chile, Costa Rica, Argentina e México, além de Cuba que tem a taxa de fecundidade mais baixa da região: 1,6 filhos (Leone et al., 2010).

A queda nas taxas de fecundidade da mulher implica na redução dos membros da família. Nesta pesquisa a maioria das famílias era composta por quatro pessoas (45,3%), seguidas das famílias de três pessoas (32,1%). Esses dados refletem o panorama brasileiro em que de acordo com a PNAD (IBGE, 2009) as famílias são compostas em média por 3,1 integrantes. A redução no número de integrantes das famílias pode ser percebida também pelo crescimento de domicílios onde vivem apenas uma ou duas pessoas.

A diminuição no tamanho das famílias não foi, entretanto, consequência exclusiva da queda da fecundidade. O envelhecimento da população contribuiu para modificar a composição das diversas etapas do ciclo de vida familiar (nascimento, consolidação e saída do lar) e alterar a composição e o tamanho das famílias devido à subdivisão de configurações familiares anteriores. Acrescente-se a isso outros processos, como diminuição do número de casamentos e aumento de

separações, que também contribuem para as mudanças na composição e para a ampliação do número de famílias (Leone et al., 2010).

A seguir serão discutidos os resultados sobre a caracterização da função paterna de abertura ao mundo dos adolescentes. Além da reflexão dos resultados junto aos achados de outros estudos na área.

7.2 Análise da caracterização da função paterna de abertura ao mundo dos adolescentes

Ao analisar as características mais específicas da função paterna de abertura ao mundo (dimensões) constatou-se que a dimensão *Estimulação à perseverança* apresentou escores mais elevados em comparação com as demais dimensões, resultados mais elevados inclusive do que a média do escore geral do QOM-A.

De acordo com Coleman e Karraker (1997) a falta de perseverança pode levar um pai facilmente a ceder frente a comportamentos inadequados do filho, ao invés de manter-se firme e ensinar à criança que o comportamento negativo não é uma boa estratégia de conseguir o que quer. De acordo com o autor, um dos principais requisitos da paternidade é a perseverança e a dificuldade em resistir aos comportamentos inadequados dos filhos pode afetar sua capacidade de exercer o seu papel parental.

Nesse sentido, a perseverança tem sido associada ao sentimento de competência parental, uma vez que pais que se sentem menos competentes em sua parentalidade também têm uma tendência a não definir metas específicas sobre o que eles esperam do comportamento dos seus filhos e evitam situações que apresentam desafios. A busca por objetivos pessoais influencia o sentimento de competência parental e os motiva para se envolverem em atividades desafiadoras. Por outro lado, pais que não definem metas na educação dos filhos tendem a evitar situações problemáticas, o que promove o uso de práticas inconsistentes e reações desproporcionais diante de dificuldades (Coleman & Karraker, 1997)

Nessa mesma direção, Bachand (2013) investigou a relação entre as dimensões da Função Paterna de Abertura ao Mundo³ (FPAM) e o Sentimento de Competência Parental (SCP) e a qualidade da relação de apego pai-filho. Adicionalmente, investigaram se existia um efeito moderador do SCP dos pais na relação entre as dimensões da FPAM e a qualidade da relação de apego pai-filho. A amostra foi composta de 200 pais canadenses que preencheram questionários autoaplicados. Os resultados mostraram que existem correlações significativas entre a dimensão “Estímulo à perseverança” da FPAM e a qualidade da relação de apego pai-filho, indicando que quanto mais os pais incentivam seus filhos a perseverar diante das adversidades (como por exemplo, através das tarefas da escola, esportes e brincadeiras), mais eles percebem uma melhor relação de apego com seu filho, em comparação com os pais que usam menos este tipo de prática.

Na mesma pesquisa, a dimensão “Estímulo à perseverança” também apresentou correlações estatisticamente significativas com o SCP, avaliado através do *Parenting Sense of Competence Scale*, o que indica que quanto mais os pais se sentem competentes no seu papel parental, mais eles tendem a incentivar seu filho a perseverar frente a situações difíceis do que pais que se sentem menos competentes.

Análises complementares revelaram um efeito moderador marginalmente significativo do SCP na relação entre a dimensão “Estímulo à perseverança” da FPAM e a escala “Prazer e segurança” (se refere ao prazer e sensação de segurança sentida pela criança na relação com seu pai) do instrumento *Questionnaire sur la Qualité la Relation Père-Enfant*. A propensão dos pais para estimular seus filhos para perseverar emerge particularmente durante atividades lúdicas e contribui para o desenvolvimento de um sentimento de confiança e segurança pessoal de seu filho.

A dimensão *Estimulação ao risco* apresentou o segundo escore mais alto entre as dimensões. De acordo com Paquette (2004b) uma das

³ A Função Paterna de Abertura ao mundo (FPAM) foi investigada através *Le questionnaire d'ouverture sur le monde par le parent* (QOM-P) que é uma versão adaptada do QOM-A . O questionário original do QOM-A investiga a percepção a função paterna de abertura ao mundo a partir da percepção dos adolescentes. Já as questões do QOM-P foram reformuladas para que os próprios pais com filhos em idade escolar pudessem avaliar sua própria experiência.

principais funções do pai é estimular os filhos a assumir riscos, incentivando a criança a explorar o ambiente físico e social de forma autônoma e com cuidado. Assumir riscos é uma necessidade básica, que permite que as crianças explorem seu ambiente, desenvolvam habilidades, e se adaptem. Para Paquette e Dumont (2013) o temperamento das crianças parece predispô-las a assumirem mais ou menos riscos, mas elas precisam de seus pais para aprender a regular o seu comportamento. Os autores explicam que um dos motivos pelos quais muitos adolescentes tendem praticar esportes radicais ou a exposição a riscos desnecessários pode ser o resultado da habilidade de regulação de comportamentos de riscos não ter ocorrido em uma idade precoce, devido provavelmente a pais superprotetores ou excessivamente permissivos.

Nessa mesma direção, Pratta e Santos (2007) destacam que uma das maiores preocupações da adolescência são os comportamentos de risco, principalmente a iniciação sexual precoce e o uso de substâncias psicoativas, os quais trazem consigo também a preocupação crescente com a possibilidade de contaminação pelo vírus HIV pela ausência de preservativo durante a relação sexual, uma vez que tem crescido assustadoramente o número de adolescentes contaminados por este agente infeccioso. Segundo os autores, as inadequações de comportamento e até mesmo a exposição a riscos desnecessários podem surgir em função da própria curiosidade, extremamente presente nessa etapa evolutiva, e de outros fatores cognitivos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais que podem exercer um papel importante na determinação de comportamentos de risco nesse período do desenvolvimento.

Portanto, destaca-se a relevância da função parental de estimulação ao risco como um fator de proteção para ensinar às crianças a lidar com o risco em idade precoce e prevenir possíveis consequências negativas na adolescência e idade adulta. A propensão dos pais de estimular seus filhos a assumir riscos se reflete principalmente na sua participação no “*Rough-and-Tumble Play*” (RTP) ou brincadeira turbulenta, como é traduzida em português, com seus filhos. O RTP é um mecanismo que foi teorizado para contribuir no desenvolvimento da Relação de Ativação pai-filho em idade pré-escolar e incentivar o

desenvolvimento da habilidade de autorregulação da agressividade (Paquette & Dumont, 2013).

Uma pesquisa realizada por Flanders et al. (2009) mostrou que existe a associação entre a frequência do RTP de pai-filho no período pré-escolar e a frequência de agressão física (avaliada através de questionários de autorrelato) é moderada pela dominância do pai durante o RTP, ou seja, o grau em que o pai controla andamento do jogo ou detém a posição de dominante (avaliada através da observação). Os resultados revelaram que quando os pais não mantêm uma postura de controle ou de dominância durante o RTP, a frequência do RTP é maior, as crianças tendem a ser mais agressivas fisicamente, e têm menos regulação emocional cinco anos mais tarde.

A relação de domínio estabelecida pelo pai durante o RTP facilita a obediência por parte dos meninos, isso porque a idade pré-escolar é marcada pela busca de uma maior autonomia por parte da criança e, para tanto o desenvolvimento da obediência é de extrema importância para garantir a segurança criança, por isso a disciplina dos pais desempenha um papel muito importante nesse período (Flanders et al., 2009).

Entretanto, a dimensão *Punição*, enfatizada como uma dimensão significativa no estudo da teoria da Relação de Ativação (Paquette, 2004b), que inclui itens a respeito da obediência, correção de comportamentos inadequados e fixação de limites, não apresentou um escore expressivo. Pode-se hipotetizar-se que os três itens constituintes da dimensão *Punição* podem não ter propiciado uma avaliação mais aprofundada deste aspecto. O item “*Meu pai me reprimia (pode ser ameaça, castigo ou punição) em momentos de raiva*”, foi o que apresentou a menor média entre todos os itens do QOM-A. É possível que tenha sido interpretado que o motivo da punição estivesse relacionado ao estado de ânimo do pai, e não ao fato do mau comportamento do filho ter provocado raiva no pai e por consequência o pai teria reprimido o comportamento do filho.

Quando o instrumento foi traduzido do idioma francês (do Canadá) para o português e passou pelo processo de avaliação de equivalência semântica, foi discutida a possibilidade do item ser mal interpretado pelos participantes. Entretanto, foi decidido manter a tradução do item original, sem fazer modificações, com o propósito de manter a fidedignidade do instrumento. Contudo, é provável que neste trabalho a utilização da palavra “punição” possa ter influenciado o baixo escore da dimensão *Punição*, pois essa palavra parece ter uma conotação

negativa estando associada à maus tratos. Alguns adolescentes podem ter preferido não relatar que receberam algum tipo de punição por parte dos seus pais, pelas possíveis consequências negativas que poderiam acarretar para os seus pais, embora tivesse sido esclarecido repetidas vezes que os pesquisadores manteriam sigilo e anonimato das informações.

7.3 Comparação entre a função paterna abertura ao mundo dos adolescentes de acordo com o sexo

Um dos objetivos específicos do estudo era comparar a percepção de adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino sobre a função paterna de abertura ao mundo. Através da análise descritiva foi possível verificar que o pai parece abrir mais os filhos ao mundo do que as filhas, o que confirma uma ideia amplamente difundida pela literatura de que os pais se relacionam com seus filhos de forma distinta em função do sexo (Eugène et al., 2010; Paquette, 2004a, Paquette, 2004b; Paquette, 2005; Paquette & Dumont, 2013).

Uma revisão de literatura realizada por Santi (2000), que objetivou investigar o surgimento e significação do papel do gênero e sua relação com o funcionamento familiar, mostrou que mães e pais tratam de forma diferente meninos e meninas. Essas práticas têm favorecido aos homens a busca de autonomia e realização e maior permissividade para comportamentos de risco e maior estimulação ao mundo externo. Enquanto para as mulheres as expectativas são de que sejam menos agressivas e comportamento voltado ao cuidado.

Quando foi realizada a análise do teste t, a diferença da abertura ao mundo entre os participantes do sexo masculino e feminino foi estatisticamente significativa para os do sexo masculino somente nas dimensões Estimulação o risco e *Estimulação à competição*, ou seja, o pai estimulou mais os meninos do que as meninas a correr riscos e a competir.

Esses resultados também foram encontrados no estudo de construção e validação do QOM-A (Eugène et al., 2010), em que os participantes do sexo masculino foram mais estimulados a correr risco e a competir, do que as meninas. Entretanto, a pesquisa realizada por Eugène (2008) em que investigaram a função paterna de abertura ao

mundo em adolescentes sem moradia, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativa entre meninos e meninas nas dimensões de *Estimulação à competição* e *Estimulação ao risco*.

Como foi comentado anteriormente, quando os pais estimulam as crianças ao risco, fazem com que elas enfrentem situações desconhecidas e se adaptem a novas situações físicas e sociais, tornando-as mais autoconfiantes e autônomas. Já a estimulação à competição prepara a criança para enfrentar a concorrência do mundo adulto. Segundo Paquette e Dumont (2013) os homens geralmente assumem mais riscos do que as mulheres, são talvez mais predispostos, em média, para incentivar este tipo de aprendizagem, tendo em vista que eles próprios aprenderam no passado a regular eles mesmos na assunção de riscos, habilidade que geralmente se desenvolvem na idade pré-escolar através das brincadeiras de RTP na relação entre pai-filho.

Desde a primeira infância as crianças escolhem tipos de brincadeiras diferentes dependendo do sexo. Os meninos tendem a se envolver em brincadeiras mais turbulentas e meninas mais com bonecas e jogos intelectuais. Para Menezes (2011) as diferenças de gênero na preferência por brincadeiras de crianças podem ser observadas com crianças um ano de idade. A origem dessas diferenças pode ser explicada através de três correntes principais a aprendizagem social, o desenvolvimento cognitivo e aspectos biológicos e evolucionistas.

A proposta dos teóricos da aprendizagem social é de que a criança já nasce em um mundo sexualmente dividido e é estimulada diferencialmente, sendo reforçados padrões comportamentais típicos do sexo e punidos ou ignorados os comportamento atípicos. Desta forma, as diferenças de gênero seriam socialmente construídas a partir da interação com os outros, especialmente adultos. A perspectiva cognitiva parte do pressuposto de que a criança forma categorias mentais de feminino e masculino, de modo que ao se identificar como membro de uma destas categorias, tende a procurar atividades e pares compatíveis com sua própria identificação (Jadva, Hines, & Golombok, 2010).

A perspectiva biológica trata-se da ação de hormônios pré-natais que influenciariam a suscetibilidade individual a determinadas estimulações. Assim, a partir desta ação, crianças do sexo masculino teriam, por exemplo, maior agressividade e maior habilidade espacial, enquanto as do sexo feminino processariam melhor a imagem de rostos e teriam melhor coordenação motora fina (Alexander, 2003).

Alexander (2003) discute a perspectiva evolucionista de compreensão do padrão sexualmente dimórfico de preferência de brincadeiras infantis. Segundo esta autora, tais preferências são manifestações precoces do papel de gênero a ser desenvolvido na vida adulta. No Ambiente de Adaptação Evolutiva⁴ (AAE) as pressões exercidas sobre machos e fêmeas eram diferentes entre si. Assim, houve a seleção de diferentes mecanismos, relacionados a padrões comportamentais distintos observados até hoje na espécie humana. Por exemplo, parcerias masculinas eram importantes para momentos como a caça e a proteção de recursos, enquanto que parcerias femininas estavam relacionadas à coleta de alimentos e ao cuidado parental.

Nesta perspectiva, as habilidades espaciais masculinas seriam importantes para a caça e captura de animais, bem como para a própria localização espacial. Já mulheres teriam habilidades ligadas à identificação de formas e cores e memória da localização de objetos, o que favoreceria o forrageio⁵. Tais diferenças implicariam em crianças do sexo masculino terem preferência por brinquedos como bolas e carros, os quais estão relacionados ao movimento. Por outro lado, crianças do sexo feminino teriam preferência por cores quentes e bonecas, o que estaria ligado ao forrageio e ao cuidado parental (Alexander, 2003).

Desta forma, compreender a existência de características biologicamente definidas não significa que o meio não exerça um importante papel reforçando estas diferenças. Mas é preciso compreender aspectos evolutivos e biológicos que precedem o dimorfismo sexual para poder discutir os dados de acordo com as diferenças entre meninos e meninas. A escolha por atividades mais turbulentas por meninos e por atividades domésticas por meninas não é uma simples imposição cultural, mas remonta a toda estrutura orgânica dos sexos e possuía uma função de sobrevivência da espécie, quando no AAE. Da mesma forma, não se pode defender que estes padrões estejam pré-definidos de forma estanque, pois a suscetibilidade à influência

⁴ Um dos conceitos-chave da Psicologia Evolucionista é o conceito de Ambiente de Adaptação Evolutiva, que pode ser definido como uma combinação estatística das propriedades adaptativas relevantes dos ambientes encontrados por membros das populações ancestrais (Tooby & Cosmides, 2000). Ou seja, as pressões seletivas que moldaram esse conjunto de mecanismos psicológicos.

⁵ Refere-se à busca e a exploração de recursos alimentares.

ontogenética e cultural é fundamental para a adaptação constante de cada organismo ao seu ambiente presente (Menezes, 2011).

Para Piccinini, Gomes, Moreira e Lopes (2004), a partir do momento que os pais descobrem o sexo da criança antes do nascimento, começam a direcionar suas expectativas e orientam desde a organização do espaço físico, às atribuições de características à criança e à gestante em função do sexo do bebê. Mais tarde, direcionam a atribuição de papéis e atividades diferentes para os dois sexos, fortalecendo as diferenças entre homens e mulheres construídas socialmente.

Esses dados vão ao encontro com os resultados desta pesquisa em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas dimensões de *Estimulação ao risco* e *Competição* maiores nos meninos. Paquette (2004b) ressalta que diante das transformações que estão acontecendo na sociedade, especialmente com a presença cada vez mais ativa das mulheres no mercado de trabalho, as meninas poderiam se beneficiar tanto quanto os meninos da aprendizagem dessas habilidades que são ensinadas principalmente através do RTP realizados durante a sua infância com uma figura parental, seja materna ou paterna.

Paquette (2005) afirma que tem observado uma mudança no envolvimento dos pais com as meninas. Eles têm se preocupado mais em estimular suas filhas, inclusive através dos jogos de RTP. Dada a importância do RTP pai-filho na regulação da agressividade e no desenvolvimento de habilidades de competição em uma sociedade individualista e competitiva como a ocidental, o autor ainda hipotetiza que poderia até prever um aumento da prevalência de jogos RTP entre pai e filha durante a próxima década.

Pode ser que mudanças como as previstas por Paquette, já estejam sendo observadas na sociedade atual, mesmo que de modo ainda incipiente. Os resultados da análise de teste t também constataram uma diferença estatisticamente significativa maior nas meninas do que nos meninos na dimensão *Estimulação à exploração*, indicando que os pais estimulam mais às meninas a explorar o ambiente. Esses dados podem estar refletindo que a sociedade se encontra num período de transição e mudança na forma como os pais se relacionam com seus filhos e filhas.

7.4 Análise da caracterização da dimensão abertura à experiência dos adolescentes

A pesquisa realizada por Filipe (2012) investigou a abertura à experiência em universitários e evidenciou que existem diferenças

significativas de acordo com a idade. A partir dos resultados foi verificado que a faixa etária dos 21 a 28 anos apresentou médias mais elevadas do que os indivíduos com 29 a 35 anos, indicando que indivíduos mais novos apresentaram-se como mais disponíveis e interessados em experiências novas. Esses resultados indicam que os elevados escores de Abertura à experiência encontrados nesta pesquisa podem também ser atribuídos pela fase de desenvolvimento que os participantes se encontravam.

Sobre a análise dos fatores, o que obteve maior média foi o de *Atitudes*, que abarca itens que expressam um envolvimento ativo com situações que possibilitem mudanças ou que envolvam novidades. Esse é um aspecto central do fator abertura à experiência, uma vez que indivíduos com altos escores nesse fator não apenas valorizam experiências novas, mas se envolvem diretamente em situações que se mostram capazes de propiciar essas mesmas experiências.

Resultados semelhantes foram encontrados por Vasconcellos e Hutz (2008), autores da Escala de Abertura à Experiência utilizada nesta pesquisa, que também obtiveram as maiores médias no fator *Atitudes*. De acordo com Filipe (2012), as atitudes são adquiridas no processo de socialização, num primeiro momento são moldadas pelos pais e englobam as crenças familiares e da comunidade, durante a adolescência sofrem a influência dos grupos de pares e, finalmente, na idade adulta, sofrem a ação da comunicação social e do meio envolvente. Para Filipe, as atitudes aprendem-se ao longo da vida da pessoa e, como tal, resultam da influência externa de se adquirirem as ideias, crenças ou valores consideradas relevantes para o contexto. Por outro lado, a própria pessoa realiza um esforço integrativo, ajustando-se aos que a rodeiam.

7.5 Análise da comparação entre a dimensão abertura à experiência dos adolescentes do sexo masculino e feminino

Houve diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes, sendo que as do sexo feminino apresentaram escores mais elevados na Abertura à experiência e no fator *Atitudes* do mesmo. Uma possível explicação é o fato da dimensão *Estimulação à exploração* do

QOM-A ter sido maior nas meninas e ter influenciado os resultados do EFA.

De acordo com Jurca-Martins (2011), a reprodução de papéis, a distribuição das tarefas, a educação destinada a meninos e meninas, os modelos de homem e mulher apresentados na sociedade são marcados pelas diferenças de gênero. Como foi mencionado anteriormente, desde muito cedo, as crianças participam e se preparam para assumir os papéis adultos de suas comunidades. As crianças observam que o comportamento masculino e o comportamento feminino são diferentes. A partir dessa observação, desenvolvem hipóteses sobre os comportamentos masculinos e femininos adequados. Além disso, as crianças aprendem que os adultos recompensam os meninos e as meninas por diferentes tipos de comportamento e, por isso, podem optar por se envolver em comportamentos adequados ao sexo, que conduzirão a recompensas (Cole & Cole, 2003).

Os resultados encontrados através da Escala de abertura à experiência vão ao encontro parcialmente aos encontrados pela dimensão do QOM-A *Estimulação à exploração* em que meninas apresentaram escores mais elevados. A partir desses achados é possível inferir que sejam reflexo das mudanças que tem acontecido nos últimos anos, principalmente com a inserção da mulher cada vez mais presente no mercado de trabalho. Os resultados apontados pela pesquisa podem indicar que as meninas têm sido cada vez mais estimuladas pelos seus pais a explorar o ambiente externo e também estão mais abertas a experiências do que os adolescentes do sexo masculino. Por outro lado, autores têm argumentado que mesmo que se perceba uma mudança nas últimas décadas, em alguns aspectos, ainda permanece a divisão tradicional de papéis entre homens e mulheres (Nascimento & Trindade, 2010). Trindade (2005) analisa que representações sociais dos papéis masculinos e femininos conservadoras podem ser identificadas no processo educacional quando se verifica que as meninas são hoje preparadas para ter uma vida profissional ao mesmo tempo em que recaem sobre elas as expectativas de responsabilização pelos trabalhos domésticos e pelas atividades de cuidados. Enquanto os meninos continuam sendo preparados para dominar os espaços públicos sem que tenha havido grandes mudanças no sentido de prepará-los para dividir as tarefas domésticas.

Com base nessa ideia, a pesquisa realizada por Jurca-Martins (2011) objetivou compreender se os papéis de gênero possuem relações com as escolhas de adolescentes do sexo masculino e feminino em

situação escolar na condição de alunos, se suas expectativas se pautam em modelos de homem e mulher de sua sociedade quando planejam e projetam suas vidas. Os resultados apontaram que a maior parte das respostas indica que prevalece a representação social tradicional do que é ser homem e ser mulher e que estas representações orientam as práticas de socialização e a construção dos papéis de gênero para filhos e filhas. Verifica-se que das meninas se espera um comportamento de maior submissão à autoridade dos genitores e que, portanto, elas sejam mais fáceis de controlar que os meninos, que são considerados mais impositivos e mais livres. Essas diferenças se refletem na forma com que os cuidadores conversam com meninos e meninas, devendo ser mais firmes com eles e podendo ser mais brandos com elas.

Em diferentes culturas é possível observar que as meninas são educadas para obedecer e que dos meninos se espera força e liderança. As brincadeiras e os brinquedos das meninas ainda estão associados às tarefas consideradas das mulheres enquanto meninos ainda são estimulados a praticar esportes e a brincar com carros e armas. Dessa forma, muito cedo as crianças recebem informações carregadas de estereótipos de gênero e aprendem que os interesses e atividades de homens e mulheres devem ser diferentes (Nascimento & Trindade, 2010).

7.6 Análise das relações entre a função paterna abertura ao mundo e a dimensão abertura à experiência

A função paterna de abertura ao mundo exercida quando os participantes tinham até 10 anos de idade, se correlaciona com a dimensão de abertura à experiência dos adolescentes. Por meio de estudos empíricos (Bergamo, Bazon, & Rezende, 2012; Lejarraga, 2011; Muñoz et al., 2012; Noriega, Ramos, Calderón, & Gonzáles, 2009; Patias, Siqueira, & Dias, 2012), pesquisadores têm indicado que a forma como os pais educam e criam os filhos, tem um impacto no desenvolvimento dos filhos. É possível inferir que o fato dos pais terem abertos seus filhos ao mundo na infância, ou seja, de prepará-los para enfrentar situações desconhecidas, explorar o ambiente físico e social (Paquette, 2004b), pode estar relacionado ao fato dos jovens atualmente apresentarem comportamentos de abertura para novas experiências.

Contudo, as correlações encontradas foram fracas, o que deixa aberta a possibilidade de que outras variáveis poderiam estar influenciando a abertura à experiência, que não foram investigados nesta pesquisa, como é o caso dos pares.

As transformações da sociedade contemporânea ocidental têm exposto as crianças cada vez mais cedo e mais intensamente ao contato com os pares, fora da família. Possivelmente fatores como a escolarização mais precoce, a urbanização, a redução da família e a falta de rede de apoio contribuem para a importância crescente das relações entre pares na vida da criança. Para muitas crianças e adolescentes, os pares são fonte, praticamente diária, de experiências das mais diversas (Manfroi, Faraco, & Vieira, 2010). Dessa forma, o contato com os pares representa um segundo ambiente social para a criança, um mundo de interações entre indivíduos na mesma dimensão igualitária bem diferente do ambiente não igualitário de casa. A importância dos pares cresce na medida em que a criança amadurece e forma relacionamentos como, por exemplo, a amizade. E o processo de mão dupla quanto à direção das influências, observa-se também nas relações das crianças com seus pares (Harris, 2007).

Vale destacar que este estudo não objetivou estabelecer relações causais ou previsões, uma vez que não foi utilizada a análise de regressão. E embora não possa ser afirmado que a função paterna de abertura ao mundo prevê a abertura à experiência dos adolescentes, não podem ser desconsideradas as correlações significativas que foram constatadas.

A dimensão *Estimulação à exploração*, também se correlacionou com o escore geral do EFA e com o fator *Atitudes*. O que sugere que quanto mais os pais estimularam seus filhos a explorar o ambiente externo, mais os adolescentes na atualidade se abrem na procura de situações novas. De acordo com Paquette (2005) a estimulação à exploração desperta a curiosidade da criança para conhecer outros ambientes. Diante de situações desconhecidas a criança aprende a testar seus próprios limites o que promove a possibilidade criar novos vínculos sociais e ir além do seu ambiente imediato e seguro. A estimulação à exploração na infância dos participantes pode estar relacionado ao fato dos adolescentes hoje apresentarem altos níveis no fator *Atitudes* e na abertura à experiência como escore geral.

A dimensão *Estimulação à perseverança* se correlacionou com o fator *Atitudes* do EFA. Para Bachand (2013), quando o pai incentiva seu filho a perseverar nas atividades que desenvolve, estando atento às

capacidades da criança para ter sucesso e alcançar seu objetivo em um ambiente seguro, permite que a criança se orgulhe de si mesmo e desenvolva a capacidade de autoconfiança e segurança pessoal. A estimulação à perseverar que os participantes receberam na infância, também pode estar relacionado a que na atualidade se envolvam com situações novas e desconhecidas.

No sexo masculino, além das correlações já mencionadas para ambos os sexos, foi encontrada a correlação entre a dimensão *Estimulação ao risco* do QOM-A e o fator *Atitudes* do EFA. Confirmando o que os autores (Bachand, 2013; Paquette, 2004a; Paquette, 2004b; Paquette & Dumont, 2013) afirmam que estimular às crianças a correrem riscos num ambiente de segurança e proteção, permite que elas se tornem mais autoconfiantes e autônomas facilitando a adaptação a novos ambientes e também as preparam para enfrentar o perigo.

Já no sexo feminino, foram encontradas outras correlações. A dimensão *Punição* do QOM-A se correlacionou com o escore geral do EFA e com o fator *Atitudes* do mesmo. A *Punição* refere-se aos limites e regras estabelecidos pela educação dos pais. De acordo com a Teoria da Relação de Ativação, a criança é incentivada a se abrir para o mundo exterior através da estimulação e ao definir os limites adequados para a sua segurança por meio da disciplina, dessa forma os pais fomentariam o vínculo afetivo necessário para desenvolver o sentido de segurança e autoconfiança das crianças (Paquette, 2004b). Nesse sentido, a *Punição* é um dos aspectos principais para que a criança possa ser ativada na relação pai-filho e aberta ao mundo. Entretanto, é importante que as regras sejam equilibradas para a idade da criança, pois a punição excessiva pode causar o mesmo efeito que o falta de limite e regras (Paquette, 2004a). É possível que os altos escores de *Punição* possam ter influenciado os comportamentos das jovens hoje se abrirem a novas experiências.

Nas adolescentes do sexo feminino, também foi encontrada correlação entre a dimensão *Estimulação à competição* do QOM-A e o fator *Atitudes* do EFA. A *Estimulação à competição* geralmente se dá através do RTP, em que a criança se opõe a um adversário que pode ser mais forte do que ela e deve usar a habilidade, força e estratégia para ganhar ou para permanecer no jogo (Paquette & Dumont, 2013).

Entretanto, para Paquette (2004b) as habilidades de competição não se restringem apenas às habilidades de combate físico, mas também, as atitudes psicológicas que permitir-nos defender a nós mesmos, para enfrentar as adversidades e ameaças do meio. A aprendizagem de habilidades de competição prepara à criança para enfrentar a concorrência no mundo adulto. Por conseguinte, é possível que os resultados revelem que as mulheres estão se beneficiando da estimulação à competição oferecida pelos seus pais na infância, o que pode ter resultado que na atualidade estejam mais abertas a enfrentar situações novas e desconhecidas, levando em consideração as novas demandas do mercado de trabalho e a mudança dos valores sociais na sociedade atual.

Todavia foi verificada correlação entre a dimensão *Estimulação ao risco* do QOM-A e o fator *Hábitos e valores* do EFA. Em vista disso, neste estudo não ocorreu o que era esperado pela literatura, ou seja, de que maior estímulo ao risco na infância estaria correlacionado com o escore geral do EFA ou o fator *Atitudes* que implicaria em comportamentos de busca de experiências novas assim como aconteceu com os adolescentes do sexo masculino. Esse dado chama a atenção e pode ser argumentado pelo fato de que existem outras variáveis que também interferem na abertura à experiência dos jovens e não somente a função paterna de abertura ao mundo. Até como foi mencionado anteriormente, este estudo não teve o objetivo de investigar relações causais entre os instrumentos. Portanto sugere-se a realização de um estudo que permita melhor controlar tais variáveis, talvez com um número maior de participantes ou com uma população mais diversificada nesses termos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados deste estudo foi possível responder aos objetivos iniciais, ou seja, compreender as características da função paterna de abertura ao mundo e sua relação com a dimensão abertura à experiência dos adolescentes. Contribui com a literatura ao estabelecer discussões sobre pesquisas que estão sendo realizadas principalmente por pesquisadores interessados na temática do envolvimento paterno, teoria da Relação de Ativação e abertura ao mundo.

Foi possível concluir que o estudo forneceu uma visão sobre possíveis ligações entre a função paterna de abertura ao mundo e a abertura à experiência dos adolescentes, o que permite inferir que o fato dos pais terem abertos seus filhos ao mundo na infância, pode estar relacionado ao fato dos jovens atualmente apresentarem comportamentos de abertura para novas experiências, uma vez que a criança inicia seu processo de socialização dentro das relações familiares. Mas também destaca-se que a partir dos modelos parentais a criança se insere em outros contextos de socialização, como por exemplo, os grupos de pares, que representam um segundo ambiente social para criança.

Sobre a comparação entre a função paterna de abertura ao mundo de acordo com o sexo dos adolescentes, verificou-se que os escores dos meninos foram mais elevados do que as meninas. E também foram observadas diferenças estatisticamente significativas nas dimensões *Estimulação ao risco* e *Estimulação à competição*. Como foi visto anteriormente, a habilidade de regulação de comportamentos de riscos geralmente é desenvolvida na infância, geralmente quando a mesma não é desenvolvida pode provocar em etapas posteriores a exposição a riscos desnecessários tais como o uso de substâncias psicoativas, prática de esportes radicais, relações sexuais sem uso do preservativo, entre outros. Dessa forma percebe-se que as meninas ainda se encontram em desvantagem em relação aos meninos no que se refere à estimulação ao risco, o que pode provocar possíveis consequências negativas no desenvolvimento posterior das meninas.

Portanto, destaca-se o papel fundamental do pai na estimulação ao risco como fator de proteção para o desenvolvimento das crianças. Vale destacar, que tanto a estimulação ao risco como a função paterna

de abertura ao mundo, não é exclusiva dos homens, mas cabe a cada casal negociar sobre as funções que cada um pode realizar considerando a disponibilidade de cada um. Em outras palavras, parentalidade pode ser intercambiável, um pai pode muito bem ser uma fonte de conforto para seus filhos e mãe ser a fonte de ativação, mas o importante é que exista diferenciação entre as funções dos pais, ou seja, que os papéis se complementem, o que pode promover nas crianças à aquisição de estratégias cooperação.

Outra função importante do pai é ensinar as crianças a regularem seu comportamento. Por exemplo, pais podem incentivar mais às crianças tímidas para explorar mais, mas podem exercer mais controle sobre as crianças impulsivas. Em geral, quando os pais abrem as crianças ao mundo permitem que as crianças sejam mais ousadas frente à novidade, o que poderia permitir mais tarde superar barreiras para o sucesso pessoal. O pai é uma figura que tem um papel fundamental no desenvolvimento dos filhos, especificamente na infância. No entanto, não é só a presença do pai que vai garantir um desenvolvimento saudável dos filhos, mas a qualidade da relação estabelecida entre pais e filhos.

Sobre a comparação da percepção de adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino sobre a abertura à experiência, constatou-se que as adolescentes do sexo feminino são mais abertas a experimentar situações novas do que os do sexo masculino. A partir dos dados desta pesquisa, pode-se referir que estão ocorrendo mudanças nos valores sociais, influenciadas pela inserção da mulher cada vez mais presente no mercado de trabalho. E mesmo que os dados tenham indicado que o pai estimula mais os meninos a se abrirem ao mundo, é possível acreditar que o pai futuramente estimule às meninas tanto quanto os meninos, e isso poderá proporcionar um efeito positivo na adaptação ao seu ambiente.

Vários outros estudos são necessários para investigar a contribuição que cada uma das dimensões da função paterna de abertura ao mundo pode ter na qualidade do relacionamento pai-filho em momentos diferentes na vida da criança. Por exemplo, esses estudos poderiam verificar a propensão dos pais para estimular seus filhos a assumir riscos e competir mais na primeira infância e quais seriam as consequências para a adolescência e etapas posteriores. Investigar o impacto da função paterna de abertura ao mundo no desenvolvimento dos filhos, como por exemplo, no comportamento, desempenho acadêmico, habilidades sociais, entre outras. Para isso seria interessante

realizar uma pesquisa longitudinal para acompanhar o desenvolvimento das crianças em etapas posteriores do seu desenvolvimento.

São conhecidas algumas das variáveis que influenciam no envolvimento paterno, entretanto seria relevante investigar quais as variáveis que influenciam a função paterna de abertura ao mundo. Também seria interessante investigar a abertura ao mundo diretamente com pais no contexto brasileiro. Além disso, são necessárias pesquisas que investiguem outros tipos de configurações familiares, além das famílias nucleares, como é o caso das famílias monoparentais, separadas, recasadas, pais adotivos, pais homoafetivos, pais com crianças com deficiências, entre outras.

Paralelo às contribuições para a área de conhecimento a qual se insere, o estudo apresenta algumas limitações. Uma limitação se refere ao fato que as avaliações aqui realizadas levaram em conta exclusivamente a percepção dos adolescentes sobre a função paterna de abertura ao mundo. Por isso sugere-se que em estudos posteriores possam ser investigados tanto os filhos como os pais.

Ainda no mesmo sentido, outra limitação consiste no fato de que esta pesquisa se caracteriza por ser retrospectiva, uma vez que o QOM-A investiga questões sobre a infância dos adolescentes, conta com a memória do participante para a partir da percepção atual dos fatos históricos responder um questionário. Por conta disso, ao interpretar os resultados deste estudo é preciso ter em mente que existe o risco de esquecimento, contaminação de acontecimentos do passado por esta experiência, como por exemplo, uma imagem idealizada do pai.

Destaca-se que a pesquisa não pretende normatizar comportamentos do que os pais ou mães devem fazer ou não, nem reforçar estereótipos que possam criar desigualdades na parentalidade, mas objetivou-se estudar um fenômeno e criar reflexões a partir dos resultados encontrados. Pois parte-se do pressuposto que é preciso estudar e compreender as diferenças que existem entre pais e mães, e dessa forma produzir conhecimento que possibilite apontar novas perspectivas e modificar a realidade.

Espera-se que os resultados obtidos possam contribuir para o âmbito acadêmico e social, possibilitando gerar subsídios para o desenvolvimento de programas voltados para dar assistência às famílias com o intuito de criar condições para o exercício saudável da

paternidade. Ademais, a percepção do pai acerca da importância da abertura ao mundo constitui-se em um importante tema de estudo cujos resultados podem reverter em melhoria social no sentido de instrumentalizar serviços de saúde e educação sobre a importância no desenvolvimento dos filhos.

9. REFERÊNCIAS

- Alexander, G. M. (2003). An evolutionary perspective of sex-typed toy preferences: Pink, blue, and the brain. *Archives of Sexual Behavior*, 32 (1), 7–14.
- Bachand, P. Y. (2013). *Sentiment de compétence parentale, qualité de la relation d'attachement et la fonction paternelle d'ouverture sur le monde chez des pères d'enfant d'âge scolaire*. (Dissertação de mestrado). Université de Montréal, Canadá.
- Bandeira, M., Goetz, E. R., Vieira, M. L., & Pontes, F. A. R. (2005). O cuidado parental e o papel do pai no contexto familiar. In F.A.R. Pontes, W.L.B. Magalhães, R. C. S. Brito, & W.L.B. Martin (Orgs.). *Temas Pertinentes à Construção da Psicologia Contemporânea* (pp. 191-230). Belém-Pará: UFPA.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control of child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*, 32, 205–226.
- Benetti, S. P. C., & Balbinotti, M. A. A. (2003). Elaboração e estudo de propriedades psicométricas do Inventário de Práticas Parentais. *Psico-USF*, 8(2), 103-113.
- Bergamo, L. P. D., & Bazon, M. R. (2012). Abuso físico infantil: avaliando fatores de risco psicológicos em cuidadores notificados. *Psicol. Reflex. Crit*, 25(2), 256-264.
- Biasoli-Alves, Z. M. (2001). Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. In Z. M. Biasoli-Alves & R. Fischman (Orgs.). *Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância* (pp. 79-93). São Paulo: EDUSP.

- Boeckel, M. G., & Sarriera, J. C. (2006). Estilos parentais, estilos atribucionais e bem-estar psicológico em jovens universitários. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.* 16(3), 53-65.
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Psicologia Argumento*, 31(73), 237-246.
- Bossardi, C. N., & Vieira, M. L. (2010). Cuidado paterno e desenvolvimento infantil. *Revista de Ciências Humanas*, 44(1), 205-221.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. I. Attachment*. New York: Basic Books.
- Cia, F., & Barham, E. J. (2009). O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 67-74.
- Cia, F., Barham, E. J., & Fontaine, A. M. G. V. (2012). Desempenho acadêmico e autoconceito de escolares: contribuições do envolvimento paterno. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 461-470.
- Cia, F., Williams, L. C. de A., & Aiello, A. L. R. (2005). Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 225-233.
- Cole, M., & Cole, S. R. (2003). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. (4ª ed). Porto Alegre: Artmed.
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (1997). Self-Efficacy and Parenting Quality: Findings and future applications. *Developmental Review*. 18(1), 47-85.

- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. de. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 579–587.
- Depaula, P. D., & Azzollini, S. C. (2013). Análisis del modelo big five de la personalidad como predictor de la inteligencia cultural. *Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica*, 5(1), 35-43.
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 71–98). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Dumont, C., & Paquette, D. (2013). What about the child's tie to the father? A new insight into fathering, father–child attachment, children's socio-emotional development and the activation relationship theory. *Early Child Development and Care*, 183(1), 430–446.
- Eugène, M. M. (2008). *La fonction d'ouverture au monde par le père et l'itinérance à l'adolescence*. (Tese de doutorado). Université de Montréal, Canadá.
- Eugène, M. M., Paquette, D., & Claes, M. (2010). Construction et validation d'une mesure de l'engagement paternel: Le questionnaire d'ouverture au monde pour adolescents (QOMA). *Revue québécoise de psychologie*, 31(2), 201- 214.
- Filipe, L. A. P. V. (2012). *Abertura à experiência, atitudes e comportamentos sexuais em jovens do ensino superior*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Medicina de Lisboa, Portugal.

- Flanders, J. L., Leo, V., Paquette, D., Pihl, R. O., & Séguin, J. R. (2009). Rough-and-tumble play and the regulation of aggression: an observational study of father-child play dyads. *Aggressive Behavior*, 35(4), 285-295.
- Flanders, J. L., Simard, M., Paquette, D., Parent, S., Vitaro, F., Pihl, R. O., & Séguin, J. R. (2010). Rough-and-tumble play and the development of physical aggression and emotion regulation: A five-year follow-up study. *Journal of Family Violence*, 25(4), 357-367.
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). The role of father involvement in childrens later mental health. *Journal of Adolescence*, 26, 63-78.
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253-261.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (5ª ed.) São Paulo: Atlas.
- Goetz, R. E., & Vieira, M. L. (2009). Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental. *Estudos de Psicologia*, 26(2), 195-203.
- Gomes, L. B. (2011). *Engajamento Paterno e Agressividade em Crianças de Quatro a Seis Anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- Grazieli, A., Oliveira, D., & Rita, R. (2011). Pai contemporâneo : Diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. *Psicologia Argumento*, 29(66), 353-360.
- Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). O Envolvimento parental após a separação/divórcio. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 289-298.

- Harris, J. R. (2007). *Não há dois iguais: Natureza e individualidades humanas*. São Paulo: Editora Globo.
- Hewlett, B. S. (1992). *Father-child relations: Cultural and biosocial contexts*. New York: Aldine De Gruyter.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). *Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios*. Retrieved from http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Populacional 2010*. Retrieved from <http://www.censo2010.ibge.gov.br>.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
- Jadva, V., Hines, M., & Golombok, S. (2010). Infants' Preferences for Toys, Colors, and Shapes: Sex Differences and Similarities. *Archives of Sexual Behavior*, 39, 1261-1273.
- Jaffee, S. R., Moffitt, T. E., Caspi, A., & Taylor, A. (2003). Life with (or without) father: the benefits of living with two biological parents depend on the father's antisocial behavior. *Child Development*, 74 (1), 109-126.
- Jager, M. E., & Bottoli, C. (2011). Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), 141-153.
- Jurca-Martins, M. C. (2011). *Expectativas escolares e profissionais de adolescentes: um estudo sobre relações de gênero e percepção de autoeficácia acadêmica*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil.

- Kalina, E. (1999). *Psicoterapia de adolescentes: teoria, técnica e casos clínicos*. (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Kromelow, S., Harding, C., & Touris, M. (1990). The role of the father in the development of stranger sociability during the second year. *American Journal of Orthopsychiatry*, 60, 521-530.
- Lamb, M. E. (Orgs.). (1997). *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25, 883-894.
- Lejarraga, H., Berardi, C., Ortale, S., Contreras, M.M., Sanjurjo, A., Lejarraga, C., Cáceres, M.J.M., & Rodriguez, L. (2011). Crecimiento, desarrollo, integración social y prácticas de crianza en niños que viven con sus madres en prisión. *Arch. argent. pediatr.* 109(6), 485-491.
- Leone, E. T., Maia, A. G., & Baltar, P. E. (2010). Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. *Economia e Sociedade*, 19(1), 59-77.
- Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Minetto, M. F. J., & Vieira, M. L. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arq. bras. Psicol.*, 62(1), 119-134.
- Manfroi, E. C.; Faraco, A. M. X. ; Vieira, M. L. (2010). Ambientes de Socialização das Crianças: impacto dos pais e do grupo de pares. In J. Segata, N. Machado, E.C. Manfroi, & E.R. Goetz. (Org.). *Psicologia: inovações*. (pp. 113-122). Rio do Sul: Editora Unidavi.
- Biasoli-Alves, Z. M. (2001). Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. In Z. M. Biasoli-Alves & R. Fischman (Orgs.). *Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância* (pp. 79-93). São Paulo: EDUSP.

- Marshall, D. B., English, D. J., & Stewart, A. J. (2001). The effect of fathers or father figures on child behavioral problems in families referred to child protective services. *Child Maltreatment*, 6, 290-299.
- Menezes, A. B. (2011). *Diferenças de Gênero em Crianças: uma comparação entre diferentes metodologias*. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Pará, Brasil.
- Morrongiello, B. A., & Dawber, T. (1999). Parental influences on toddlers' injury-risk behaviors: Are sons and daughters socialized differently? *Journal of Applied Developmental Psychology*, 20, 227-251.
- Muñoz, S. F., Castro, E., Fiscal, I. L. M., Narváez, V.L.E., Paz, C.J.A., & Villamarín, M.M.C. (2012). Conocimientos, actitudes y prácticas de las mujeres con VIH durante la gestación y crianza (Popayán, 2009). *Investig. Enferm*, 14(1), 45-55.
- Nascimento, C. R. R., & Trindade, Z. A. (2010). Criando meninos e meninas: investigação com famílias de um bairro de classe popular. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 187 - 200.
- Noriega, A. V., Ramos, M. P., & Gonzales, N.G.C. (2009). Prácticas de crianza y educación inicial en la etnia Mayo. *Estud. Soc.*, 17(1), 303-324.
- Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M. O., & Schneider, A. M. A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: Análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39(1), 66-73.
- Paquette, D. (2004a). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47, 193-219.
- Paquette, D. (2004b). La relation père-enfant et l'ouverture au monde. *Enfance*, 56(2), 205-225.

- Paquette, D. (2005). Plus l'environnement se complexifie, plus l'adaptation des enfants nécessite l'engagement direct du père, *Enfances, Familles, Générations*, 3, 9-16.
- Paquette, D., & Bigras, M. (2010). The risky situation: A procedure for assessing the father-child activation relationship. *Early Child Development and Care*, 180(12), 33-50.
- Paquette, D., Carbonneau, R., Dubeau, D., Bigras, M., & Tremblay, R. E. (2003). Prevalence of father-child rough-and-tumble play and physical aggression in preschool children. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 1-37.
- Paquette, D., Coyl-Shepherd, D. D., & Newland, L. A. (2013): Fathers and development: new areas for exploration. *Early Child Development and Care*, 183(6), 735-745.
- Paquette, D., & Dumont, C. (2013). The father-child activation relationship, sex differences and attachment disorganization in toddlerhood. *Child Development Research*, 3, 1-9.
- Paquette, D., Eugene, M. M., Dubeau, D., & Gagnon, M-N. (2009). Les pères ont-ils une influence spécifique sur le développement des enfants? In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 99-119). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Parke, R. S. (1996). *Fatherhood*. London: Harvard Universal.
- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G. (2012). Bater não educa ninguém! práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. *Educ. Pesqui.*, 38(4), 981-996.
- Pedersen, F. A. (1980). *The father-infant relationship: observational studies in the family setting*. New York: Praeger.
- Pervin, L. A. & John, O. P. (2004). *Personalidade: Teoria e Pesquisa*. Porto Alegre: Artmed.

- Piccinini, C. A. ; Gomes, A. G.; Moreira, L. E., & Lopes, R. S. (2004). Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 223-232.
- Piccinini, C. A., Silva, M. da R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. de C. S., & Tudge, J. (2012). Envolvimento Paterno aos Três Meses de Vida do Bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 303-314.
- Pillegi, P. M., & Munhoz, M. L. P. (2010). A importância da conduta paterna no processo de ensino e aprendizagem. *Cadernos de Psicopedagogia*, 8(14), 1-14.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B., P. Paternal involvement by U.S residential fathers: Levels, sources, and consequences. (2004). In M. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 222-271). New York: John Wiley & Sons.
- Pleck, J. H., & Pleck, E. H. (1997). Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. In M.E. Lamb, *The role of the father in child development* (pp. 33-48). New York: John Wiley & Sons.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicol. estud.* 12(2), 247-256.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa* (3ª ed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Santi, P. H. (2000). Rol de género y funcionamiento familiar. *Rev. Cubana de Medicina General Integral*, 16(6), 568-573.
- Schaffer, R. H. *Social development*. (2000). Glasgow: Blackwell.
- Silva, E. L. C., Lamy, Z. C., Rocha, L. J. L. F., & Lima, J. R. (2012). Paternidade em tempos de mudança: uma breve revisão da literatura. *Revista de Pesquisa em Saúde*, 13(2), 54-59.

- Silva, M. da R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561–574.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. da C. (2009). Paternidade contemporânea : levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97–106.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174–185.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2001). *Using Multivariate Statistics*. (4ª ed). Boston: Allyn and Bacon.
- Tooby, J., & Cosmides, L. (2000). *Evolutionary psychology: Foundational papers*. Cambridge: MIT Press.
- Trindade, Z. A. (2005). Masculinidades, Práticas Educativas e Risco Social. In Simpósio Nacional de Psicologia Social e do Desenvolvimento e X Encontro Nacional Procad - Psicologia Capes. Violência e Desenvolvimento Humano. *Textos completos*. (pp. 123-127). Vitória, Espírito Santo.
- Tudge, J., Hayes, S., Doucet, F., Otero, D., Kulakova, N., Tammeveski, P., Meltsas, M., & Lee, S. (2000). Parent's participation in cultural practices with their preschoolers. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 1-10.
- Vasconcellos, S. J. L., & Hutz, C. S. (2008). Construção e validação de uma escala de abertura à experiência. *Avaliação Psicológica*, 7(2), 135-141.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66 (2), 36-52.
- Vieira, M. L. ; Crepaldi, M. A. ; Bossardi, C.N. ; Gomes, L.B. ; Bolze, S. D. ; Piccinini, C. A. (2013). Paternity in the Brazilian context.

In M. L. Seidl-de-Moura. (Org.). *Parenting in South American and African Contexts*. (pp. 1-20). Croácia: In Tech.

Yogman, M. W. (1981). Games fathers and mothers play with their infants. *Infant Mental Health Journal*, 2(4), 241-248.

APÊNDICE A- Autorização institucional

(TIMBRE DA INSTITUIÇÃO)

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo**, e cumprirei os termos da Resolução 466/2012 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis,/...../.....

(ASSINATURA DO/A RESPONSÁVEL PELA
INSTITUIÇÃO)

(CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL)

APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Maria José Louise Caro Schulz, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido seu filho(a) para participar do processo de coleta de um projeto sobre envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo, coordenado pelos professores Mauro Luis Vieira e Maria Aparecida Crepaldi, pelo Departamento de Psicologia da UFSC. Esta pesquisa que se intitula “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”, tem como objetivo investigar o envolvimento paterno e sua relação com variáveis sociodemográficas, interação familiar e desenvolvimento infantil. Esse estudo justifica-se por sua relevância social, pois, o maior aprofundamento do conhecimento sobre o envolvimento paterno irá contribuir para que o pai possa desempenhar ainda melhor sua função. Além disso, como há poucos estudos sobre a temática proposta nessa pesquisa, em termos científicos esse estudo irá contribuir para o avanço do conhecimento, e conseqüentemente, no progresso da ciência. A participação do seu filho(a) acontecerá por meio do seu consentimento em responder dois instrumentos: o “Questionário sobre abertura ao mundo para adolescentes” e a “Escala fatorial de abertura à experiência”.

O nome do seu filho(a), ou quaisquer dados que possam identificá-los, não serão utilizados nos documentos pertencentes a este estudo. É provável que a pesquisa permita uma reflexão acerca de suas vivências e sentimentos sobre o envolvimento paterno. Porém, visto que algumas questões irão abordar questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, seu filho(a) poderá ser encaminhado

para o Serviço de Atenção Psicológica da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC). A participação do seu filho(a) é absolutamente voluntária, não remunerada e a pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento, antes e durante a pesquisa. Seu filho(a) é livre para recusar a dar resposta a qualquer questão enquanto estiver respondendo o questionário, parar ou desistir da participação a qualquer momento. Caso ele(a) opte por deixar de participar da pesquisa, poderá notificar os pesquisadores por meio dos telefones ou e-mails de contato que se encontram no desta folha. As informações obtidas serão utilizadas com ética na elaboração do trabalho científico que poderá ser utilizado para publicação em meios acadêmicos e científicos. Esclareço que será feito a devolução dos resultados da pesquisa a você, aos participantes e às instituições que possibilitaram o acesso aos participantes, em data a ser agendada. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar que seu filho(a) participe do estudo, solicito sua assinatura na segunda folha do Termo, sendo que a primeira permanecerá em seu poder e a segunda deve ser devolvida à pesquisadora.

Pesquisador Responsável

Prof. Dr. Mauro Luís Vieira

Telefone de contato

E-mail de contato

Pesquisadora

Mestranda: Mariajosé L. C. Schulz

Telefone de contato

E-mail de contato



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,
RG....., CPF,
responsável legal de
abaixo assinado, consinto em que meu filho(a) participe da pesquisa intitulada “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”. Fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do mesmo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade.

Telefone para contato: _____

Local e data: _____

Assinatura do responsável legal do participante da pesquisa:

ANEXO A- Questionário de Abertura ao mundo para Adolescentes



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM DESENVOLVIMENTO
INFANTIL – NEPeDI

Esta é uma pesquisa que está sendo desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil (NEPeDi), ligada ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e está relacionada ao projeto *Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo*, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Mauro Luís Vieira. O objetivo da pesquisa é conhecer a percepção dos adolescentes do Ensino Médio sobre a função paterna.

Pedimos que responda às questões abaixo. Suas respostas são **anônimas**, e por isso não é necessário escrever seu nome. É muito importante que você responda todas as questões do questionário, seguindo as instruções e respeitando a ordem em que os itens são apresentados. **Não existem respostas certas ou erradas, o que importa é saber o que você realmente pensa sobre o assunto.** Esta atividade é **individual**. Qualquer dúvida que você tiver chame a pessoa responsável que ela estará à disposição para esclarecimentos. Quando você terminar, levante a mão e seu questionário será recolhido.

DADOS GERAIS DE IDENTIFICAÇÃO

Idade: ____ anos. Sexo: () Masculino () Feminino
 Colégio _____ Série: _____ Turma: _____
 Estado civil: () Solteiro(a) () Casado(a)
 () Outro – especifique _____
 Local onde passou a maior parte de sua infância:
 () Capital () Interior Cidade: _____

Você mora com: () Mãe () Pai () Irmãos Se sim, quantos ____
() Outro - identifique _____

Você morava com seu pai até os 10 anos de idade: () Sim () Não
Se você **não** morou com seu pai até os 10 anos de idade, mas mantinha contato com ele, por favor, especifique com que frequência você via seu pai:

- () No mínimo uma vez por semana
- () No mínimo uma vez por mês
- () No mínimo uma vez por ano
- () Não mantinha contato

Se você não conviveu com seu pai até os 10 anos de idade, por favor pense em alguma pessoa que tenha desempenhado os papéis de um pai e responda ao questionário.

INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO

Apresenta-se aqui uma lista de comportamentos que seu PAI tinha em relação a você, quando você tinha **menos de 10 anos**, em diferentes circunstâncias. Gostaríamos de saber qual é a sua opinião sobre a frequência com que seu pai tinha esses comportamentos, de acordo com a seguinte regra: o comportamento **NUNCA** está presente, **RARAMENTE, ÀS VEZES, REGULARMENTE, FREQUENTEMENTE, MUITO FREQUENTEMENTE**. Se você julgar que é impossível avaliar o comportamento enunciado, pedimos-lhe que faça uma cruz em **NÃO POSSO AVALIAR**. Porém lhe pedimos que o faça apenas em caso de realmente não ter nenhuma ideia sobre a resposta.

Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas. É importante que as suas respostas sejam sinceras. Por favor, responda a **todos** os itens.

1= Nunca
 2= Raramente
 3= Às Vezes
 4= Regularmente

5= Frequentemente
 6= Muito Frequentemente
 7= Não Posso Avaliar

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Meu pai passeava comigo. | | | | | | | |
| 2. Meu pai me encorajava a tentar de novo, quando eu não estava conseguindo realizar uma tarefa. | | | | | | | |
| 3. Eu podia brincar fora do campo de visão do meu pai. | | | | | | | |
| 4. Meu pai estabelecia limites e regras antes da brincadeira começar. | | | | | | | |
| 5. Meu pai me encorajava a persistir em um jogo, mesmo se eu não estivesse ganhando. | | | | | | | |
| 6. Meu pai permitia que eu dormisse na casa de amigos. | | | | | | | |
| 7. Meu pai me reprimia (pode ser ameaça, castigo ou punição) em momentos de raiva. | | | | | | | |
| 8. Meu pai me encorajava a inventar brincadeiras novas. | | | | | | | |
| 9. Meu pai tinha o hábito de falar comigo utilizando palavras novas. | | | | | | | |
| 10. Meu pai me encorajava a conversar com ele. | | | | | | | |
| 11. Meu pai me encorajava a não desistir diante de situações difíceis como: deveres escolares, esportes, concursos. | | | | | | | |

1= Nunca
 2= Raramente
 3= Às Vezes
 4= Regularmente

5= Frequentemente
 6= Muito Frequentemente
 7= Não Posso Avaliar

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 12. Meu pai não permitia que eu brincasse com crianças que ele não conhecia. | | | | | | | |
| 13. Meu pai mostrava interesse no que eu fazia, como: ir para o parque, fazer caminhadas ou ir a outro lugar. | | | | | | | |
| 14. Meu pai me permitia fazer atividades de risco, como por exemplo: subir em árvores, cortar com faca, andar de bicicleta e nadar. | | | | | | | |
| 15. Meu pai me encorajava a ganhar quando eu jogava com o(s) meu(s) amigo(s). | | | | | | | |
| 16. Quando eu desobedecia as suas ordens, meu pai me reprimia (pode ser ameaça, castigo ou punição). | | | | | | | |
| 17. Meu pai me permitia ir brincar no bairro com meus amigos. | | | | | | | |
| 18. Meu pai me encorajava a explorar o ambiente quando íamos para um lugar novo. | | | | | | | |
| 19. Meu pai me encorajava a ser competitivo. | | | | | | | |

1= Nunca

2= Raramente

3= Às Vezes

4= Regularmente

5= Frequentemente

6= Muito Frequentemente

7= Não Posso Avaliar

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 20. Meu pai me encorajava a falar com as crianças da minha idade quando eu as encontrava pela primeira vez. | | | | | | | |
| 21. Meu pai me reprimia (pode ser ameaça, castigo ou punição) quando eu me comportava mal. | | | | | | | |
| 22. Meu pai me deixava-fazer as coisas do meu jeito (escolher meus amigos, guardar os meus brinquedos, desembulhar um presente, brincar). | | | | | | | |
| 23. Meu pai me estimulava a competir nos esportes. | | | | | | | |
| 24. Meu pai me encorajava a ser o primeiro da classe. | | | | | | | |

ANEXO B - Escala Fatorial de Abertura à Experiência

E F A ESCALA FATORIAL DE ABERTURA

Instruções para preenchimento

Leia com atenção cada uma das sentenças e indique seu grau de concordância com cada sentença, ou seja, o quanto cada sentença descreve suas opiniões, sentimentos ou atitudes.

Se você acha que a frase descreve muito bem suas opiniões, sentimentos ou atitudes, marque o nº 7 “Concordo Totalmente”. Se você acha que essa frase absolutamente não o descreve bem, marque o nº 1 “Discordo Totalmente”.

1= Discordo Totalmente
2= Discordo
3= Discordo Parcialmente
4= Não Concordo nem
Discordo

5= Concordo Parcialmente
6= Concordo
7= Concordo Totalmente

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Costumo pensar em soluções pouco convencionais para os problemas com os quais me deparo. | | | | | | | |
| 2. Gosto de fazer coisas que nunca fiz antes. | | | | | | | |
| 3. Gosto de conhecer culturas diferentes da minha. | | | | | | | |
| 4. Quando saio de férias prefiro ir para lugares que eu nunca tenha visitado antes. | | | | | | | |

1= Discordo Totalmente
 2= Discordo
 3= Discordo Parcialmente
 4= Não Concordo nem
 Discordo

5= Concordo Parcialmente
 6= Concordo
 7= Concordo Totalmente

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 5. Gosto de livros e filmes que relatem aventuras vividas por um ou mais indivíduos. | | | | | | | |
| 6. Gosto de passear por ruas pelas quais eu nunca passei antes. | | | | | | | |
| 7. Sempre que posso, mudo os trajetos nos meus percursos diários. | | | | | | | |
| 8. Minhas atividades de lazer não costumam variar. | | | | | | | |
| 9. Tenho dificuldade para adaptar-me a trabalhos que envolvam uma rotina fixa. | | | | | | | |
| 10. Não gosto de situações que me causem surpresa. | | | | | | | |
| 11. Possuo uma curiosidade aguçada. | | | | | | | |
| 12. Faço o possível para manter velhos hábitos. | | | | | | | |
| 13. Costumo fazer as coisas exatamente do jeito que me ensinam. | | | | | | | |
| 14. Gosto que as pessoas me digam como proceder quando estou diante de uma situação nova. | | | | | | | |

1= Discordo Totalmente
 2= Discordo
 3= Discordo Parcialmente
 4= Não Concordo nem
 Discordo

5= Concordo Parcialmente
 6= Concordo
 7= Concordo Totalmente

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|--|---|---|---|---|---|---|---|
| 15. Acredito que sempre existe um jeito novo e diferente de fazer alguma coisa. | | | | | | | |
| 16. Procuo seguir as regras e convenções sociais sem questioná-las. | | | | | | | |
| 17. Quando estou em um recinto em que nunca estive antes, gosto de conhecê-lo ao máximo. | | | | | | | |
| 18. Gosto de sentir-me desafiado. | | | | | | | |
| 19. Prefiro relacionar-me com pessoas cujas atitudes sejam previsíveis. | | | | | | | |
| 20. Estou sempre disposto a aprender com os meus próprios erros. | | | | | | | |
| 21. Sinto-me entediado quando faço sempre as mesmas coisas. | | | | | | | |
| 22. Prefiro sempre mudanças graduais a mudanças súbitas. | | | | | | | |
| 23. Quando vou agir de acordo com a sugestão de alguém, gosto que outras pessoas também confirmem a validade dessa sugestão. | | | | | | | |

1= Discordo Totalmente
 2= Discordo
 3= Discordo Parcialmente
 4= Não Concordo nem
 Discordo

5= Concordo Parcialmente
 6= Concordo
 7= Concordo Totalmente

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 24. Costumo ter idéias que os outros acabam julgando impraticáveis. | | | | | | | |
| 25. Sou bastante arraigado as minhas tradições familiares. | | | | | | | |
| 26. Só aceitaria realizar mudanças profundas na minha vida se tivesse à certeza de que isso valeria a pena. | | | | | | | |
| 27. Já deixei de fazer coisas com medo de ficar arrependido. | | | | | | | |
| 28. Gosto de manter horários fixos em minhas atividades diárias. | | | | | | | |
| 29. Prefiro sempre atividades nas quais seja possível exercitar a criatividade. | | | | | | | |
| 30. Gostaria de morar a maior parte da minha vida em uma única localidade. | | | | | | | |
| 31. Gosto de pensar em fatos que dificilmente ocorreriam na vida real. | | | | | | | |

1= Discordo Totalmente
 2= Discordo
 3= Discordo Parcialmente
 4= Não Concordo nem
 Discordo

5= Concordo Parcialmente
 6= Concordo
 7= Concordo Totalmente

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 32. Existem valores morais dos quais eu nunca me desvincularia. | | | | | | | |
| 33. Mudanças na minha rotina causam-me ansiedade. | | | | | | | |
| 34. Gosto de experimentar sensações que nunca experimentei antes. | | | | | | | |
| 35. Considero-me uma pessoa moralista. | | | | | | | |
| 36. Gostaria que todas as pessoas seguissem as idéias que sigo. | | | | | | | |
| 37. As pessoas com as quais convivo consideram meus gostos extravagantes e fora do comum. | | | | | | | |
| 38. Meus amigos acham que eu deveria ser mais realista. | | | | | | | |
| 39. Tenho tendência a ficar divagando sobre inúmeros assuntos. | | | | | | | |

1= Discordo Totalmente
 2= Discordo
 3= Discordo Parcialmente
 4= Não Concordo nem
 Discordo

5= Concordo Parcialmente
 6= Concordo
 7= Concordo Totalmente

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 40. Gosto de pensar sobre temas que parecem não despertar o interesse da maioria das pessoas. | | | | | | | |
| 41. Gosto de estar sempre aprendendo coisas novas. | | | | | | | |
| 42. Gosto de estar a par dos avanços tecnológicos que poderão tornar-se úteis no meu dia-a-dia. | | | | | | | |

Muito obrigado pela sua colaboração!

Sua participação foi fundamental para a realização desta pesquisa.